



# Frei Galvão

## Traços Biográficos

A Vida e Obras do 1º Santo brasileiro  
(Resumo Biográfico)

Edição Digital - 1ª Edição  
Distribuição Gratuita

- Maristela -



- *Maristela* -

# *Frei Antônio de Sant'Ana Galvão*

## *Traços biográficos*

Mosteiro da Luz  
São Paulo  
1996



### **Ao leitor**

Este opúsculo e resumo da biografia "Frei Galvão, bandeirante de Cristo", compilado pela mesma autora. Foi acrescentado breve apêndice com ensinamentos do biografado.

A autora deseja que a confiante invocação do Servo de Deus continue beneficiando, tanto material como espiritualmente, a seus devotos.

Lembra, porém, o que disse Santo Agostinho: "Honrar os Santos para deles só esperar favores, e bajulação interesseira".

E São Bernardo exorta a que o culto dos Santos nos leve a imitar os exemplos de sua santidade neste mundo, para no outro alcançar com eles a felicidade eterna.

Devoção quer dizer dedicação, uma oferta de si mesmo. Seguindo os ensinamentos de sua santa existência, daremos a Frei Galvão a alegria de continuar na terra a santificação dos irmãos, para gloria de Deus e o bem de toda a humanidade.

"Uma alma que se eleva, eleva o mundo."

E o que de mais valioso e aceitável podemos oferecer ao Senhor e a seus Santos.

Maristela

Direitos reservados ao

Mosteiro Portaceli - Ponta Grossa - Paraná

Dezembro de 1996

O SANTO É O MELHOR PRESENTE DE DEUS AO MUNDO

EM 1739 NASCEU, NESTA CIDADE DE GUARATINGUETÁ

FREI ANTONIO DE SANT'ANNA GALVÃO

QUE, TENDO INGRESSADO NA ORDEM DE S. FRANCISCO EM 1760, VIVEU COMO UM SANTO, ESPALHANDO O BEM POR TODA A PARTE, E COMO SANTO MORREU EM 1822.

DEIXANDO UMA MEMÓRIA ABENÇOADA, QUE PERDURA ATÉ NOSSOS DIAS.

SEUS IRMÃOS FRANCISCANOS, DA ORDEM I E DA ORDEM III, DESTA CIDADE, SANTAMENTE ORGULHOSOS, MANDARAM GRAVAR ESTE BRONZE. COMEMORATIVO DO BICENTENÁRIO GLORIOSO, RENDENDO GRAÇAS À DEUS PELO PRESENTE QUE FEZ AO BRASIL.

31- XII – 1939

\* Dizeres da Placa colocada no frontispício do Convento Nossa Senhora das Graças em Guaratinguetá



Sumário

CAPÍTULO 1 - O MELHOR PRESENTE DE DEUS .....	5
CAPÍTULO 2 - CONSAGRADO A DEUS .....	9
CAPÍTULO 3 - SACERDOTE DO ALTISSIMO .....	12
CAPÍTULO 4 - ESCRAVO E SERVO DE MARIA.....	15
CAPÍTULO 5 - A MAIS BELA FLOR DE PIRATININGA .....	17
CAPÍTULO 6 - NOSSA SENHORA DA LUZ.....	20
CAPÍTULO 7 - FUNDAÇÃO SOBRE A ROCHA.....	22
CAPÍTULO 8 - O VIVEIRO DE SANTAS .....	28
CAPÍTULO 9 - PRISIONEIRO DA CARIDADE .....	32
CAPÍTULO 10 - HOMEM DA PAZ.....	40
CAPÍTULO 11 - HOMEM DA CARIDADE E PRUDENTE CONSELHO .....	43
CAPÍTULO 12 - HOMEM RELIGIOSÍSSIMO.....	48
CAPÍTULO 13 - A PARTIDA DO EXÍLIO.....	51
CAPÍTULO 14 - A VENERAÇÃO A FREI ANTÔNIO DE SANT'ANA GALVÃO E A CAUSA DE SUA BEATIFICAÇÃO .....	57



## CAPÍTULO 1

### O MELHOR PRESENTE DE DEUS

No frontispício do Convento Franciscano de Nossa Senhora das Graças, na cidade de Guaratinguetá, Estado de S. Paulo, está colocada uma placa de bronze com os seguintes dizeres: "Em 1739, nasceu, nesta cidade de Guaratinguetá, FREI ANTÔNIO DE SANT'ANA GALVÃO, que, tendo ingressado na Ordem de São Francisco em 1760, viveu como um SANTO, espalhando o bem por toda a parte, e como SANTO morreu em 1822, deixando uma memória abençoada, que perdura até nossos dias. Seus irmãos Franciscanos, da Ordem I e da Ordem III, desta cidade, santamente orgulhosos, mandaram gravar este bronze comemorativo do bicentenário glorioso, rendendo graças a Deus, pelo presente que fez ao Brasil - 31-XII-1939".

Não há dúvida de que aquela inscrição foi bem inspirada: um Santo, por obscuro e desconhecido que seja, e uma dádiva excelente que Deus faz ao mundo inteiro, por que a influencia de um Santo não se limita apenas ao seu ambiente, ou a sua Pátria. Sendo esta influencia sobrenatural, estende-se infinitamente na extensão do espaço e do tempo.

Se, portanto, o mundo inteiro e abençoado com o aparecimento de uma alma eleita, que diremos da família que a viu nascer em seu seio?

É. uma benção privilegiada, e que geralmente cai onde florescem o amor de Deus com todas as virtudes cristãs.

Com estas palavras já fizemos o elogio dos pais de Frei Antônio de Sant'Ana Galvão. Foram eles: Antônio Galvão de França, português natural de Faro, no Algarve, e Isabel Leite de Barros, filha de ricos fazendeiros de Pindamonhangaba, no Estado de São Paulo.

Residiam na vila de Guaratinguetá, no mesmo Estado.

A situação social e econômica da família era abastada. Antônio Galvão de França dedicava-se ao comércio, e chegou a ser Capitão-mor da vila de Guaratinguetá.

O casal era profundamente cristão.

A padroeira da família era Sant'Ana; ocupava lugar de honra no oratório, onde se encontravam dois nichos com diversas imagens: um crucifixo de ouro com castiçais de diamante, uma Nossa Senhora da Conceição, um Santo Antônio e outras.

"Possuíam modesta biblioteca de livros de piedade, e todas as noites se reuniam no referido oratório para fazer breve leitura espiritual, rezar o terço e mais algumas orações". Em seguida se recolhiam com a benção do Senhor.

"Conforme o costume da época, ao chegar o dia da padroeira, faziam-se festas ruidosas e movimentadas, com fogos de artifício, jantares, etc., onde a alegria inocente não prejudicava a devoção sincera".

O nome da Santa era acrescentado ao de um ou mais filhos; e por esta razão que o menino Antônio veio a receber na vida religiosa o nome de Frei Antônio de Sant'Ana. Três de suas irmãs chamavam-se Ana. D. Isabel embalando-as, terá cantarolado muitas vezes: "Senhora Sant'Ana, ninai minha filha - vede que lindeza e que maravilha. - Esta menina não dorme na cama - dorme no regaço da Senhora Sant'Ana".

Para coroa e perfeição deste espírito religioso, eram o Capitão-mor e sua digna esposa dois modelos de caridade para com o próximo. De D. Isabel e sabido: antes de falecer distribuiu toda a sua roupa pelos pobres, o que indica seu particular amor pelos necessitados, socorrendo-os com grande generosidade.

Conta-se também que, notando as boas disposições da alma de seu pequeno Antônio, dava-lhe ocasião de se exercitar na caridade e o mandava dar esmolas aos pobres, quando estes batiam a porta de sua casa.

O pequeno esmolero, certo dia, não sabendo o que dar a uma senhora que viera implorar-lhe a caridade, tomou de uma linda toalha de crivo que encontrou em casa e a deu a pobre. Esta muito agradecida a levou, mas depois inquietou-se, pensando que certamente não estaria na vontade de D. Isabel dispor de tão rica alfaia como esmola, e



voltou para devolver a dadiva. Esta porém, a sorrir, apenas disse: - Meu filho a deu, esta bem dada.

Que desprendimento e generosidade de coração!

De seu esposo, ainda hoje, passados dois séculos de sua morte ocorrida em 1770, contam os guaratinguetenses interessante anedota, prova de seus sentimentos profundamente cristãos e caritativos. Uma de suas descendentes, a Sra. Balduina Galvão de Castro Mafra, faz a narração deste modo:

"O Capitão-mor era muito caridoso e esmoler. Todos os dias ia assistir a santa Missa, e quando doente fazia-se levar para a igreja em sua cadeirinha. Chegando a porta da Matriz, todas as vezes costumava distribuir esmolas entre os pobres. Certa manhã demorou a chegar. Uma velhinha, sentada nos degraus da escada que dava para a igreja, adormeceu e em sonho viu a alma dos seu grande benfeitor, e juntamente os anjos e demônios lutando por sua posse. Mas no mesmo instante grande multidão de pobres acorreu de todos os lados em auxílio dos anjos e assim os demônios foram vencidos. A grande caridade, que em sua vida sempre praticara com os pobres, lhe granjeara a salvação".

O abençoado casal, Antônio Galvão de França e D. Isabel Leite de Barros, foi agraciado com dez filhos, dos quais sobreviveram oito. Nosso frei Antônio foi o quarto entre eles.

Não se sabe exatamente a data do nascimento do menino Antônio, por se haver perdido o livro dos batizados da Matriz de Guaratinguetá, que continha os registros de 1729 a 1740.

Comparando-se as datas, designam-se os anos de 1738 ou 39 para o seu nascimento.

Não há dúvida, porém, que foi batizado nessa Igreja, cujo Patrono, Santo Antônio, era também o seu.

Sob os cuidados e bons exemplos dos virtuosos pais, cresceu Antônio até aos 13 anos de idade. Certamente já estava instruído nas primeiras letras, e não havendo na vila meios de adquirir maior cultura, decidiu o pai enviá-lo ao Seminário dos Jesuítas em Belém na Bahia, onde já se encontrava seu irmão mais velho, José.

A distância era enorme: de S. Paulo à Bahia! Só daí a cinco ou seis anos se tornariam a ver, e durante todo esse tempo as notícias seriam raríssimas.

Que diríamos se D. Isabel pudesse pressentir que nunca mais, neste mundo, veria o querido filho? E o menino Antônio, que nunca mais veria sua mãe? O Senhor a chamou a Si no ano de 1756, quando já fazia quatro anos Antônio partira para o colégio. Faleceu, relativamente moça, contaria talvez quarenta anos de idade, deixando os filhos todos criados; Ana Joaquina, a penúltima, teria 12 a 13 anos de idade e Manuel 7.

Fôra sua morte precedida de enfermidade grave e mais ou menos demorada, porquanto teve tempo de destinar toda a roupa aos pobres, conforme já se disse. Mãe e esposa exemplar, terminou sua missão na terra e foi receber no Céu a recompensa da virtuosa existência.

O Seminário de Belém, a 130 Km. de Salvador na Bahia, junto a Cachoeira a margem do Paraguaçu, era talvez o colégio mais famoso que os Jesuítas possuíam então, em terras brasileiras; fora fundado pelo celebre PE. Alexandre de Gusmão, e chegou a abrigar alunos vindos de todos os recantos do país.

Se na alma de Antônio já se encontrava em germe a vocação religiosa, e fora de dúvida que neste colégio ela desabrochou. Não é pequena honra para os Jesuítas o terem contribuído, e não pouco, para a formação do santo franciscano.

O modo de vida que levavam os alunos desse celebre colégio era simples e austero, muito semelhante ao regime monástico, segundo deixou escrito o seu fundador: "Vivem em clausura, ao som da campainha, com suma obediência..." não há entre eles opiniões de espíritos nobres ou timbres do mundo, todos são criados ao espírito de Cristo. Não usam de criados ou escravos, nem de vestidos de seda; todos se servem a si e aos outros sem questão ou reparo".

"Todos os dias em que cessam as classes têm práticas espirituais, em que principalmente lhes intimam o temor de Deus, a pureza da alma e melhores costumes,



com a devoção a Nossa Senhora, e aos domingos se lhes ensina a doutrina de Cristo. Em todas as festas de Cristo e Nossa Senhora comungam, não poucos frequentam a comunhão cada oito dias".

Excelente o resultado desta educação: "passam de 500 os meninos que neste Seminário tem entrado. Destes tem saído muitos para várias congregações e estado sacerdotal".

O procedimento de Antônio, no colégio, devia ter sido exemplar, pois já manifestava inclinação para a vida religiosa. Nem por isso se deve pensar que seria criatura singular e esquisita; isto não faz parte da perfeição, pelo contrário, denota incompreensão do que vem a ser santidade. O santo é um perfeito equilibrado, pessoa que dispõe do pleno controle sobre si mesma e sobre o ambiente em que vive.

Antônio era, portanto, um simples aluno, distinguindo-se apenas pela maior aplicação ao estudo e por mais intensa piedade. Fora disto, sabia ser amigo de todos, alegre e de bom humor como toda gente jovem. Foi a honra da família, a consolação de seus mestres e um modelo para os colegas.



**Casa onde nasceu Frei Galvão, como se encontra atualmente.**



**Ruínas do Convento de São Boa Ventura do Macacu**



**O Convento de São Francisco em São Paulo, em 1862.**

## CAPÍTULO 2

### CONSAGRADO A DEUS

Ficara o menino Antônio Galvão no Seminário de Belém durante seis anos. Pela aplicação ao estudo e lúcida inteligência, adquirira notável cultura para a idade, pois entrando mais tarde para a Ordem Franciscana precisou fazer só um ano de estudos para ser admitido a Ordenação Sacerdotal.

Voltava agora para o lar paterno, em 1758, não mais menino, porem garboso jovem de 19 anos com todo o vicio de um corpo são e alma pura.

Demorou-se o jovem Antônio ainda dois anos no século, depois dos quais, sem mais relutância, abraçaria o estado religioso e sacerdotal.

Entre as Ordens religiosas, então existentes no Brasil, escolhe a franciscana.

Muito perto de Guaratinguetá, em Taubaté, havia o convento de Santa Clara dos religiosos franciscanos, hoje dos capuchinhos; certamente aí pediu admissão o filho do Capitão-mor. Bem conhecido, foi logo aceito, mas havia que passar ao convento de São Boaventura na vila de Macacu, da capitania do Rio de Janeiro, onde funcionava o noviciado da Província.

Despedindo-se da família lá se vai o jovem Antônio com a alma em festa, dizendo perpetuo adeus ao mundo e as suas pompas. Verdade é que Antônio Galvão não era nenhum príncipe; não deixava trono e coroa, mas, afinal, tinha probabilidade de alcançar no mundo brilhante situação.

Conforme a legislação canônica daquele tempo, depois de três dias de sua chegada, foi o postulante revestido do santo habito pelo Padre Guardião, Frei José das Neves, a 15 de Abril de 1760. Ficava à vontade do candidato trocar o nome ou acrescentar-lhe o de um santo ou santa. Com isso o filho do capitão-mor de Guaratinguetá passou a ser Frei Antônio de Sant'Ana, havendo escolhido como protetora a padroeira de sua família.

O ano do noviciado e estabelecido nas Ordens religiosas, especialmente para os candidatos se formarem na vida consagrada; nesse ano não se estuda se não a Regra e demais leis da Ordem, e não se exercita em outros trabalhos e artes, se não nos que são próprios da vida religiosa. Era, por conseguinte, muito simples a vida em o noviciado de Macacu: recitar

o Ofício divino em diversas horas do dia e da noite; dedicar-se a meditação e demais orações de costume; aprender as cerimônias dos diversos atos da comunidade e exercitar-se em trabalhos manuais, inclusive o de limpar a casa, cuidar do jardim e da horta, ajudar na cozinha, lavar a louça.

O Irmão Antônio não estranhou muito, acostumado ao regime mais ou menos semelhante no Seminário de Belém, e o grande fervor de sua alma fazia achar tudo fácil demais. Seus mestres tinham maior cuidado em refrear-lhe o ardor excessivo, do que trabalho em estimulá-lo.

Sentiu-se bem no querido silencio do qual andava tão saudoso. Sua alma entregou-se toda inteira à oração, estabelecendo íntimo contato com seu Deus e Criador.

O estudo da santa Regra feito em particular ou por explicações do Mestre tomava mais algum tempo.

lá Frei Antônio imprimindo na alma os mandamentos deixados pelo Seráfico Patriarca de Assis a seus filhos: "A Regra e vida dos Frades Menores é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade". "Rezem os clérigos o Ofício Divino, segundo a ordem da santa Igreja Romana". "Os irmãos, aos quais o Senhor deu a graça de trabalhar, trabalhem com fidelidade e devoção". -Os irmãos não tenham propriedade sobre coisa alguma... mas como peregrinos e viandantes que neste mundo servem ao Senhor em pobreza, que a vós, meus caríssimos Irmãos, instituiu herdeiros e príncipes do reino dos céus e, fazendo-vos pobres de bens, vos cumulou de virtudes. Seja esta a vossa parte que conduz a terra dos vivos... E onde quer que estiverem e se encontrem os Irmãos



mostrem-se afáveis entre si...antes de tudo devem desejar o espírito do Senhor e seu santo modo de operar; rezar sempre a Deus com coração puro; ser humilde e paciente nas perseguições e enfermidades; amar aqueles que nos perseguem, censuram e atacam... E todo aquele que observar estas coisas, alcance no céu a benção do altíssimo Pai celestial, e na terra a benção do seu dileto Filho, com a do Espírito Santo Consolador e de todas as Virtudes dos céus e de todos os Santos. E eu, Frei Francisco, vosso pequenino servo, vos confirmo tanto quanto posso interior e exteriormente esta santíssima benção. Amem".

Sim, bom tempo este do noviciado! A quase todos os religiosos deixa saudades, mas também se acaba e chega o dia da profissão religiosa em que se há de emitir os votos.

Frei Antônio de Sant'Ana e outros companheiros os emitiram em mãos do Guardião Frei José da Madre de Deus Rodrigues, aos 15 de Abril de 1761.

Conforme o cerimonial da época, reunida a Comunidade, os noviços de joelhos faziam humilde confissão, deste teor: "Muito Reverendo Padre Guardião e mais Padres e Irmãos, um ano e um dia há que estou nesta Sagrada Religião; ela me provou a mim, e eu a provei a ela; eu nela achei muitas virtudes e santidades, e ela em mim muitas faltas e negligências; pelo que peço a V. Paternidade e aos mais Padres e Irmãos me queiram pelo amor de Deus admitir a sua santa companhia e fazer solene Profissão".

O superior fazia breve pratica alusiva ao ato e, depois de benzer os hábitos, recebia a profissão dos noviços.

Antes de pronunciar a fórmula dos votos é-nos grato recordar o juramento de defesa à Imaculada Conceição da Virgem Maria, que faziam, conforme o costume da Ordem Franciscana, em todos os tempos acérrima partidária deste privilegio glorioso da Mãe de Deus.

Com que entusiasmo Frei Antônio o teria feito, ele que amava a Virgem com singular ternura! Que diríamos se adivinhasse que um dia seria escolhido para fundador de uma Comunidade da Ordem consagrada a Imaculada Conceição? Com voz sonora e firme pronuncia a formula:

"Prometo e juro por estes Santos Evangelhos de defender, até dar a própria vida, a conclusão em que confessamos que a Virgem Maria Nossa Senhora foi concebida sem pecado original e dele preservada pelos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Santíssimo Filho".

Em seguida faz os votos: - "Eu, Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, faço voto e prometo a Deus, a Bem-aventurada Virgem Maria, e ao Bem-aventurado São Francisco nosso Padre e a todos os Santos e a vós, Padre, de guardar todo o tempo de minha vida a Regra dos Frades Menores, confirmada pelo Senhor Papa Honório, vivendo em obediência, sem próprio e em castidade".

E o Guardião responde: - "Se estas coisas guardares, eu te prometo a vida eterna. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Amem".

Está consagrado para sempre a Deus. Que felicidade e que gloria!

O dia é de festa e alegria; abraça os confrades e passa-o saboreando as consolações divinas que excedem a todo o sentimento, no dizer do apóstolo São Paulo.



**Relíquias de Frei Galvão conservadas no Mosteiro da Luz – SP**



**Relíquias de Frei Galvão conservadas no Mosteiro da Luz – SP**



**Memorial do Mosteiro da Luz - SP**

## **CAPÍTULO 3**

### **SACERDOTE DO ALTÍSSIMO**

Havendo terminado o ano de noviciado, Frei Antônio de Sant'Ana Galvão e enviado pelos superiores ao Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, onde havia de receber as Ordens Sacras.

Depois de um ano e três meses de preparação, sendo-lhe dispensados os intervalos entre as ordens menores, recebeu a Ordenação Sacerdotal pelo Bispo Dom Frei Antônio do Desterro, aos 11 de julho de 1762 contando apenas 23 a 24 anos de idade.

É quase certo que sua família não pôde assistir a comovente e grandiosa cerimônia da ordenação. Naquele tempo só se faziam viagens indispensáveis; de Guaratinguetá ao Rio, havia uns vinte dias de caminhada.

Pela má estrada colonial, ainda a cavalo, a viagem dava grandes despesas e maiores incômodos; só mesmo pelas grandes necessidades e que se saia do suave aconchego do lar.

Mas parece mais certo ainda que, bem logo, a família do jovem sacerdote teve a grande consolação de abraçá-lo, ouvir a sua Missa e quiçá receber de suas mãos consagradas a Sagrada Comunhão. Após a ordenação, transferiu-se para Convento de São Francisco em São Paulo. onde veio terminar os estudos; em caminho devia, inevitavelmente passar por Guaratinguetá. O livro Registro dos Religiosos diz que foi inscrito ao Curso de Filosofia a 24 de julho de 1762; levando a viagem perto de um mês, vê-se que partira pelos fins desse mês. Viria com mais alguns frades, entre eles alguns colegas que entrariam no mesmo curso de estudos.

Quando os viajantes chegam em Guaratinguetá, fisionomia, fatigada, hábito e pés empoeirados, são acolhidos com o mais extremo carinho.

Um príncipe seria recebido talvez com mais pompa, não, porém, com mais amor. O carinhoso Capitão-mor aperta o filho nos braços, com o coração a lhe transbordar de felicidade; as irmãs, agora mais circunspectas, porque o Antônio tornou-se religioso e sacerdote, limitavam-se a tomar-lhe a mão e beija-la com respeito. Os escravos ajoelham-se e lhe pedem a benção, enquanto as velhas escravas que o carregaram em menino, cochicham entre si: "Óia só que lindeza ficô o Sinhozinho!"

Na manhã seguinte celebrou a santa Missa na Matriz, assistida por sua família e por toda a cidade; não ficou guaratinguetaense, nesse dia, que não fosse à igreja. Ainda hoje, quando o espírito cristão não é tão profundo, nem enche tanto a vida cotidiana, como naqueles tempos, as cidades de nossa terra, principalmente as mais interiores, ufanam-se sobremodo quando um de seus filhos é chamado à sublime dignidade do Sacerdócio.

É uma honra da qual ninguém quer perder a sua parte, e se nota bem na complacência com que dizem frases semelhantes a esta: "Padre Fulano? É filho de nossa terra!" Felizmente ainda se compreende bastante a insigne honra que há em ser Ministro de Deus, embora também existam muitos espíritos tacanhos que não alcançam compreender tal verdade e, temerariamente, combatem a vocação dos filhos, desprezando a mais insigne graça que Deus lhes poderia fazer.

Tal atitude só pode ser explicada pela grande ignorância, ou por franca hostilidade à Religião, consequência, as mais das vezes de uma vida desregrada; aos olhos enfumaçados, nada parece claro por mais luminoso que seja; assim um coração atolado no vício não compreende a beleza da virtude e das coisas de Deus.

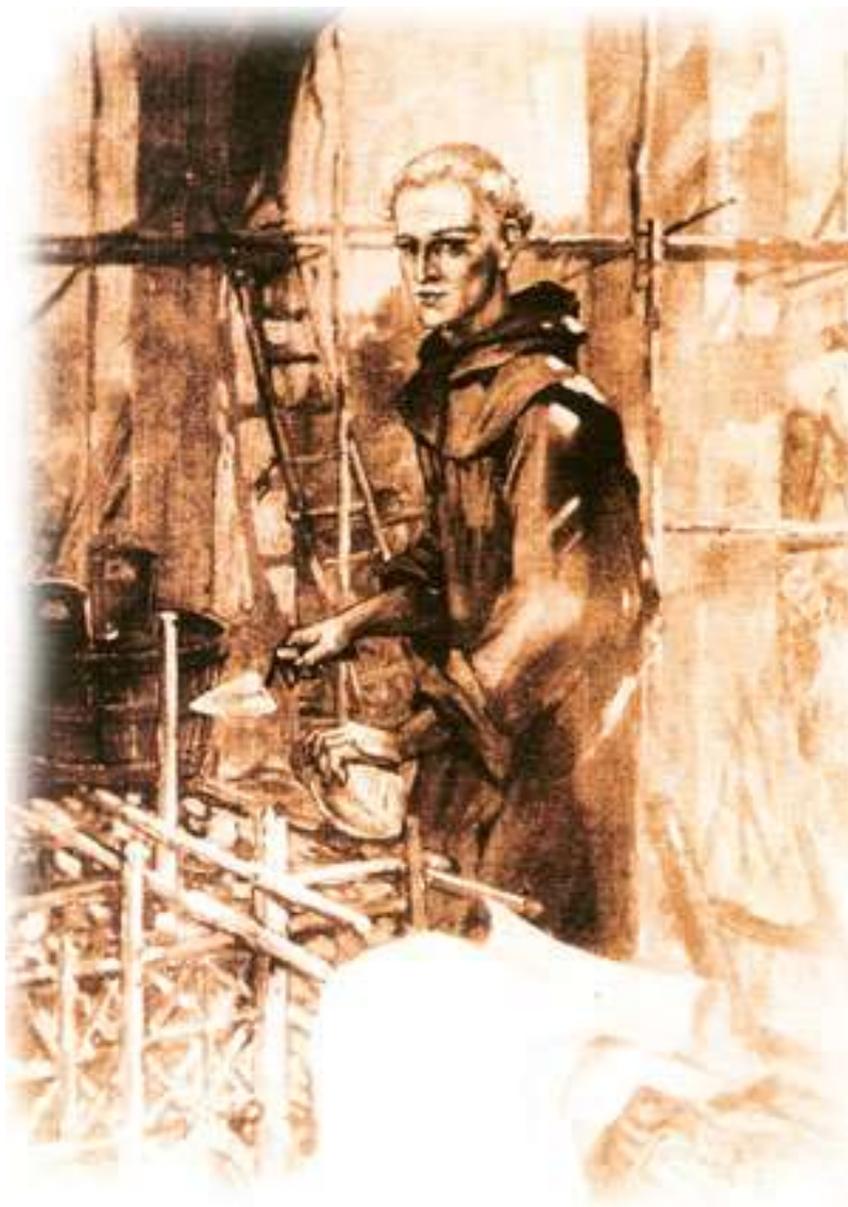
É preciso, afinal, seguir viagem rumo ao Convento de São Francisco, em São Paulo. Parte novamente a pequena comitiva e, depois de alguns dias de viagem, chega a São Paulo.

No convento a mesma recepção muito carinhosa, porém mais simples. O Superior lhe dá a benção, os confrades o abraçam, e depois cada qual se recolhe a sua cela a cuidar de si. Aí, tudo muito austero e pobre, e Frei Galvão mais contente do que nunca. Agora, sim, está em seu centro; a nudez da pobreza que o torna semelhante ao Divino Mestre, o qual não tinha onde repousar a fronte, constitui suas delícias. Por ocasião da vinda de Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, encontrava-se o convento em seus tempos áureos. A Comunidade era numerosa, os estudos floresciam, o culto divino celebrava-se com solenidade e a observância regular corria muito satisfatória.

Após alguns dias de repouso, enceta o Servo de Deus os estudos de filosofia. Além de filosofia, Frei Galvão estudou mais alguns anos a Teologia especulativa e moral, exigidas por determinação dos Superiores da Ordem, desde o Capítulo de 1687.

Pela piedade e qualidades excepcionais de espírito, começou a despertar a atenção dos confrades e dos fiéis, para em breve vir a ser o ídolo de toda a cidade de São Paulo.

Tal a força e o poder da santidade! Como estes grandes astros que arrastam após si multidão de satélites pela atração de sua massa e velocidade, tudo a si atraem estas almas gigantescas pela força de sua virtude. Mesmo involuntariamente, torna-se o santo um centro em torno do qual, instintivamente, começam a gravitar as almas. E isto se explica por ser, ao mesmo tempo, receptor e transmissor de Deus: dá corações a Deus e Deus aos corações.



**Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, jovem sacerdote. Desenho de Carlos Oswald**

## CAPÍTULO 4

### ESCRAVO E SERVO DE MARIA

O "Registro dos religiosos brasileiros", livro do arquivo do Convento franciscano Santo Antônio do Rio de Janeiro, declara que "desde que entrou na Religião (na Ordem) Frei Antônio de Sant'Ana tem tido um procedimento exemplaríssimo".

O servo de Deus dispusera-se por grande fidelidade à graça divina a ser por Deus escolhido para realizar os Seus designios. Está o Senhor pronto a derramar sobre seu fiel Servo as torrentes de Sua graça. Para não edificar em vão, quer aprofundar os alicerces de sua humildade inspirando-lhe consagrar-se a Nossa Senhora como seu servo e escravo. Escreveu essa consagração aos 9 de novembro de 1766, contando vinte e sete anos de idade. Assinou-a com o próprio sangue, e o Mosteiro da Luz a considera uma das mais preciosas relíquias do seu venerável Fundador.

Antes de tudo, o que se nos depara pela leitura desta consagração à Virgem Santíssima é seu grande amor e confiança para com a Mãe Celeste. Certamente, desde que ficara órfão de sua mãe terrestre A tomara por guia e protetora; agora quer fazer mais; entrega-se lhe como escravo, irrevogavelmente.

Esta consagração a Maria Santíssima deixa entrever ainda a ideia simplificadora que devia reger sua vida espiritual; tudo reduz ele a unidade, entregando-se totalmente a Deus por mediação de Maria, inclusive suas obras e ainda seus merecimentos. A ele fica o único cuidado de amar a Deus e servi-lo; corre o mais em conta de sua Divina Mãe. E não há dúvida que tudo está bem entregue. Esta é uma das grandes vantagens da referida devoção, que, segundo ensinam os mestres espirituais, e a experiência comprova, produz grandes bens para as almas que a praticam.

Como teria a Virgem recebido esta doação de seu querido filho? Mostram os fatos que a aceitou com o mais terno agrado. Incumbe o amoroso Escravo de lhe construir um santuário no qual "para sempre será engrandecido seu santo Nome". Prende-o de tal maneira ao seu serviço, que ainda depois de sua morte, repousara, quiçá até o dia da ressurreição universal, ao pé de seu altar, sob o doce olhar de sua sagrada imagem.

Consagrado totalmente a Maria, edificado sobre o rochedo inabalável da humildade, pode agora começar aquele apostolado exterior, onde colheria tantos louros de glória, mas também muitos espinhos de tribulações.

Havendo terminado os estudos, foi eleito aos 23 de julho de 1768 pregador, confessor de seculares e porteiro do Convento de São Francisco em São Paulo.

Estes três ofícios dados ao jovem sacerdote, de idade de 29 a 30 anos, provam quanto eram sua virtude e competência invulgares. Fica isto ainda mais certo, pelo fato de ser reeleito para os mesmos cargos por mais dois triênios até 1773. Aqui outras ocupações mais graves e importantes vieram tomar-lhe o tempo.

Pode-se ficar surpreso e não se compreender como o virtuoso religioso poderia ao mesmo tempo desempenhar três cargos, na aparência incompatíveis entre si.

É bom saber que, eleito pregador e confessor, não segue que sempre exercesse estas funções; para elas estava habilitado. Naquele tempo eram as confissões quase só para cumprir o preceito anual; muito raro as frequentes. As pregações deveria fazê-las aos domingos e outros dias de festas, o que se vê não lhe tomaria muito tempo. Mais lhe exigia o trabalho de porteiro, e embora pareça este ofício de pouca importância, em se tratando de conventos não é assim; para ele se escolhiam religiosos de reconhecida probidade que pudessem, pela virtude e grande prudência, desempenhá-lo dignamente.

Em contato direto com os fiéis que chegavam à portaria do convento, foi o jovem religioso tornando-se conhecido, e sua fama corria de boca em boca. Era de trato amável e humilde, principalmente para com os pobres e as crianças, predileções que lhe duraram até o fim da vida.



Tão bondoso quanto modesto, despertava confiança e respeito, e se o convento de São Francisco dava tanto esplendor à cidade, assim dizia a Câmara de São Paulo, não o devia pouco ao seu exemplar porteiro.



**Imagem da Imaculada Conceição do Altar-Mor da Igreja do Mosteiro da Luz. Benzida por Frei Galvão.**

## CAPÍTULO 5

### A MAIS BELA FLOR DE PIRATININGA

Entre as obrigações de seus novos cargos, recebeu Frei Antônio o de confessor no Recolhimento de Santa Teresa. Era este o único estabelecimento de Religiosas, então existente em São Paulo, mais ou menos ajustado a Ordem carmelita.

Entre suas penitentes encontrou o jovem confessor, que então contaria mais ou menos trinta e dois anos de idade, uma criatura verdadeiramente extraordinária: a Irmã Helena Maria do Sacramento.

Nasceu em Paranapanema, Freguesia pertencente, naquele tempo, ao bispado de S. Paulo; nela criou-se até a idade de 17 anos, quando veio a São Paulo e entrou no Recolhimento de Sta. Teresa.

Esta humilde religiosa, cujo nascimento foi distinguido, pelo céu, com sinais singulares, sem nenhuma ciência humana, chegou a extraordinário grau de vida espiritual. Por ordem de seu santo Confessor escreveu uma relação de suas orações, penitências e disposições de alma, ainda que se absteve de falar do mais interior, por "não alcançar como rude", segundo o humilde conceito que de si fazia. Fenômenos místicos extraordinários lhe acompanharam a existência: visões, êxtases, revelações, porém, neles não punha a sua complacência. Compreendera que isto só, não constituía a santidade, e numa singela frase mostra quanto seu amor a Deus era puro e desinteressado. Diz ela: "eu só quero padecer por seu amor e graça para não pecar, que o mais me dá Ele de graça só pela sua bondade".

Conhecendo a santa Religiosa no Servo de Deus um enviado do Céu, começou a lhe manifestar certas revelações nas quais, havia muito, Deus Nosso Senhor lhe pedia fundasse um novo Recolhimento para moças que desejassem consagrar-se a Deus na vida religiosa.

Caso perigoso e delicado! Perigoso pela situação política e religiosa do tempo, e delicado pelas vias extraordinárias nas quais surgia.

Fundar um Recolhimento naquela época mais parecia temerária fantasia do que possível realidade. Fazia dez anos, o Marquês de Pombal, na sua encarniçada perseguição às Ordens religiosas, que desde 1764 pretendia extinguir, lhes cominara a proibição terminante de receber noviços, condenando-as assim a inevitável morte. Proibira ao mesmo tempo a fundação de qualquer convento novo de religiosos ou religiosas.

Disso não saberia o Senhor ao pedir a Irmã Helena a fundação? Por certo. Deus não está obrigado a observar as leis humanas, e até parece, foi para confundir a malícia de seus perseguidores, que Ele fez nascer sua casa, debaixo dos olhos deles e quando menos a desejavam.

Além desta dificuldade de ordem temporal, havia a da ordem espiritual: seriam as visões e revelações de Irmã Helena verdadeiras? Estas coisas a muitos deixam sempre desconfiados, e o servo de Deus não o ficou menos.

Não conhecia ainda a fundo Irmã Helena; acaso não seria uma destas visionárias da moda, que em todos os tempos sempre aparecem, pondo embasbacados os simples, em irritação os cétricos e em sustos os responsáveis pela sã doutrina e bons costumes?

Único juiz em tais matérias e a Santa Igreja através de seus pastores e teólogos.

Humilde e prudente, o Servo de Deus submeteu as revelações de sua dirigida a outros Sacerdotes e Teólogos competentes que as reconheceram autênticas. Assim, não havia mais dúvida que o Senhor queria mesmo um novo convento em S. Paulo.

Inteira e desprovida de meios materiais, pobre religiosa desconhecida, Irmã Helena nada podia fazer sem alguém que a auxiliasse; e este alguém, outro não podia ser, senão seu santo confessor, cujos merecimentos conhecia e estava a par de todas estas coisas. Desse modo, viu-se Frei Galvão providencialmente envolvido nos planos de



Irmã Helena e, reconhecendo claramente a vontade de Deus, dispõe-se com gosto a prestar-lhe apoio, embora previsse que daí lhe proveriam não poucos dissabores. A isto se refere, mas com visível e profunda humildade, deixa a glória de todo o êxito à Irmã Helena de quem faz extraordinário elogio dizendo: "Houve algumas contrariedades antes e depois, que Deus, providenciou e ela (Irmã Helena) com sua sabedoria mais divina do que humana suavizou e dispôs tudo em bem".

Dirigiu-se o Servo de Deus ao governador do bispado que era, em sede vacante, o Cônego Antônio de Toledo Lara, e ao governador da capitania, o Capitão-general Dom Luís Antônio de Sousa Botelho e Mourão, e os encontrou na maior boa disposição em apoiar a obra. Mas como? E a licença de Lisboa, e o Marques de Pombal? Inútil seria tentar conseguir a licença régia para a fundação.

Não deixaram, no entanto, os fundadores de fazer as diligências possíveis. Diz, expressamente, Frei Galvão: "Nesta fundação precederam as prudentes cautelas e circunspeções necessárias; muito concorreu para este fim a piedade e autoridade do Ilmo. e Exmo. Sr. Dom Luís Antônio Botelho e Mourão".

Assim se resolveram as dificuldades, quer temporais, quer espirituais, e por ordem do Servo de Deus, escreveu Irmã Helena uma carta ao Capitão-general.

Nessa missiva, precedida e terminada com muitos e respeitosos cumprimentos e agradecimentos, pedia a boa Irmã: a benção, licença e amparo de Vossa Excia. que está em lugar de Deus e em seu nome governa o seu povo, para fundar um Recolhimento não por descontente da santa vida que escolhi e vivo, mas por cumprir a vontade de Deus, para sua maior honra e glória, para aumentar seu Reinado e o de S. Majestade Fidelíssima, que o mesmo Senhor guarde e conserve em sua divina graça, pois os Religiosos são também seus fiéis vassalos, que sem soldo defendem sua coroa, com suas orações contra os inimigos visíveis e invisíveis e de Vossa Excia., a cujo devoto afeto dedico esta obra.

Creemos, portanto, poder afirmar que nas terras de Piratininga (capitania de S. Paulo) não desabrochou flor espiritualmente mais bela do que Irmã Helena Maria do Sacramento.

*imagem de Nossa Senhora da Luz que se encontrava naprimitiva ermida fundada por Domingos Luís, o "Carvoeiro"*



**Imagem de Nossa Senhora da Luz que se encontra na primitiva ermida fundada por Domingos Luis, o “Carvoeiro”**

## CAPÍTULO 6

### NOSSA SENHORA DA LUZ

Entre os capitães-generais que governaram a Capitania de São Paulo, durante o período colonial, salienta-se a simpática e inteligente figura de Dom Luís Antônio de Sousa Botelho e Mourão, o Morgado de Mateus.

Governou a Capitania de 1765 a 1775. "Homem de inteligência e descortino, revela-se, em relatórios que deixou escritos, espírito dotado de real capacidade de observação.

Desempenhou-se do cargo com verdadeiro zelo pelos seus governados, estendendo os cuidados a tudo quanto lhes podia ser útil.

Informado por Frei Galvão, responde a missiva da Irmã Helena, no dia de Natal, 1773, resposta que aqui resumimos:

"Agradeço a V. M. (Vossa Mercê) o favor que me faz de me escolher para instrumento das suas disposições. Estou com um grande desejo de que se complete esta obra, que me parece ser útil para a salvação de muitos, e estou muito pronto para todos os gastos que se precisarem para as acomodações do edifício e da Igreja. Somente desejava muito o que vou referir. Primeiro, que houvesse LAUS PERENNE diante do Santíssimo Sacramento, assim como se pratica no Convento de Louriçal, e a sua imitação na Capela da minha Casa de Mateus; segundo, que a Padroeira fosse Nossa Senhora com o título dos Prazeres, e se perpetuasse sua festa como sempre fiz no sítio da Luz..."

Prossegue pedindo que nas orações do futuro Recolhimento fossem recomendadas a Deus as intenções espirituais e temporais de sua pessoa e família. Pensamos que Deus lhe tenha recompensado a zelosa piedade, unindo seu nome a uma obra santa como a fundação do Recolhimento da Luz, e a memória do santo que foi Frei Galvão.

Irmã Helena não poderia receber presente de Natal que lhe fosse mais agradável do que este. Com grande alegria agradece ao Menino Deus, e mais uma vez encomenda a sua divina proteção o aprisco que em breve nasceria para abrigar suas ovelhinhas queridas.

Não foi tudo de vento em popa como parece.

No arquivo do convento lê-se o seguinte: "Mas o nosso comum inimigo (o demônio) não pode ver sem a mais enraivecida raiva que tudo se dispunha a ajudar os pios intentos de Irmã Helena, que nada menos se dirigiam a edificar uma fortaleza inexpugnável contra a qual se quebrariam as mais fortes armas de que ele se valesse; buscou, portanto, todas as tramas e ardis imagináveis para transtornar esta obra tão santa: já causando grandes motins, já aparecendo debaixo de formas hediondas a esta serva de Deus, objeto de seu maior rancor".

Que diremos de seu "fundador" Frei Galvão? O escrito acima citado nada revela, mesmo porque tudo indica que foi o próprio Servo de Deus quem o compôs e escreveu; a caligrafia e o estilo são manifestamente seus. É muito natural que não ficasse ao abrigo de tantos tiros inimigos, sendo o principal responsável por tudo, depois de Irmã Helena. Se ela era objeto do maior rancor do inimigo, do menor, se é que era menor, quem o seria senão seu santo confessor e protetor?

Boas dores de cabeça ter-lhe-ia dado este caso, e a ele também se pode aplicar o que disse de sua dirigida: "de tudo soube triunfar a constância deste homem forte". Uma vez que sabia ser esta a vontade de Deus, não o desanimaram nem motins, nem murmurações, nem zombarias.

Sua fé e humildade o colocavam acima de tudo.

Pelos anos de 1774, toda a parte da cidade de São Paulo hoje correspondendo ao bairro da Luz e suas imediações era inteiramente despovoada, e consideravam-na um arrabalde da cidade.



Por motivo de pequeno riacho chamado Guarepe, começou a ser denominado campo do Guaré. Em 1603 o piedoso Domingos Luís, por alcunha "O Carvoeiro", para ele trasladou do "Piranga", hoje Ipiranga, uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Luz. Daí em diante, a denominação indígena muito anterior, foi cedendo lugar ao título da Rainha dos céus e terra, até ser conhecido apenas pelo "campo da Luz".

Na ocasião da vinda de Dom Luís Botelho e Mourão para capitão - general, encontrava-se a capela abandonada e muito arruinada, o que é natural, pois já contava mais de um século de existência. O devoto governador reparou-a, escolhendo-a para fazer a festa de sua queridíssima Senhora dos Prazeres.

A sua própria custa mandou construir uns pequenos cômodos a ela contíguos para receber as futuras recolhidas, e, finalmente, a 2 de Fevereiro de 1774 realizou-se a desejada fundação.

Um manuscrito do arquivo do Mosteiro assim a descreve: "Foram ao Recolhimento de Santa Teresa o General Dom Luís, o Governador do Bispado, o Ouvidor José Gomes, o Revdo. Cura José Xavier e o Revdo. Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, com outros cavaleiros e pessoas distintas desta cidade, ao romper do dia, e a Regente daquele Recolhimento entregou a fundadora Madre Helena, e por companheira, sua sobrinha Irmã Ana da Conceição; aí se embarcaram estas em duas cadeiras que para este efeito se tinham preparado, e com o maior segredo foram acompanhadas pelas pessoas acima referidas, ignorando tudo isto até as próprias Recolhidas daquele Recolhimento".

"Chegando à Capela da Senhora da Luz, o General entregou as chaves ao Revdo. Frei Antônio de Sant'Ana Galvão e recolheu-se com a mais comitiva para a cidade, onde assistiram a função da Benção da Cera na Catedral sem fazer a menor falta, e ninguém saber desta mudança, até que começou a publicar-se por meio de algumas escravas que passavam pelo novo Recolhimento".

Esta cerimonia simples e discreta com suas humildes pregoeiras, para dar começo a grande obra, faz lembrar o misterioso nascimento de Cristo no segredo da noite, desconhecido de todos e tendo como primeiros arautos os pobres pastores de Belém. Tudo ao gosto de Deus que se compraz em confundir o fausto do mundo com a pobreza da cruz.

Consta na carta de Madre Helena ao Governador que era vontade dela moldar o novo Recolhimento à Ordem Carmelita, mas o novo Bispo Dom Frei Manuel da Ressurreição, franciscano, chegado a São Paulo a 19 de Março desse ano, quis que a nova Comunidade se adaptasse à Ordem das Concepcionistas, aprovada pelo Papa Júlio II.

Muito prova a santidade da serva de Deus o obedecer prontamente, sem a menor relutância, trocando assim o burel pardo do Carmelo pelo hábito azul e branco da Imaculada Conceição.

A Ordem da Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria, chamada comumente das Concepcionistas, foi fundada por Santa Beatriz da Silva, nobre dama portuguesa, em Toledo, Espanha, no ano de 1484.

Ordem de monjas contemplativas, enclausuradas, e eram todas assim, antes do aparecimento dos modernos institutos de vida ativa, despertou logo, desde o seu nascimento, invulgar entusiasmo na Santa Igreja. Seu título e finalidade eram honrar a Conceição Imaculada de Maria Santíssima, verdade que então ainda não era definida dogma e constituía assunto de vivas discussões entre os teólogos. A espiritualidade da Ordem centraliza-se em reproduzir o espírito e as virtudes de Nossa Senhora.

Com exceção do dia da festa de Nossa Senhora dos Prazeres, em que o Recolhimento cercava-se de muita gente, ruído e movimento, o resto do tempo passavam no mais absoluto silêncio e solidão. Quebrava-os apenas o chilrear das aves e uma ou outra pessoa que chegava à portaria para pedir orações ou oferecer esmolinhas, geralmente em gêneros: farinha de milho ou mandioca, às vezes um pouco de carne, açúcar ou algodão.

Deste modo de vida tão pobre e austero ficaram algumas recordações, escritas por uma das Irmãs daquele tempo. Ouçamo-la:



"Principiou-se com muita pobreza;

As celas muito pequenas, sem soalho e sem forro e ainda poucas.

Havia irmãs que moravam em celas feitas com taquaras ou com esteiras, e todas muito contentes.

Nossas camas, todas no chão, consistiam em esteiras sem forro, um cepo de pau por travesseiro e um cobertor.

Vivíamos só com as esmolas dos fiéis, e coisas compradas com dinheiro eram só para as Irmãs doentes; para as sãs isto seria considerado relaxação e ofensa à Divina Providencia.

Vivíamos sem fundos e sem rendas, completamente entregues à Divina Providencia, não pedíamos nada de esmola a ninguém; vender alguma coisa era considerado grande crime".

Quanta consolação para o coração paterno do Santo Fundador nesta encantadora simplicidade, vendo esses jovens corações, tão generosos para responderem ao amor de seu Deus, que os chamava a trilhar os caminhos da evangélica perfeição. Não se pense que todas fossem pobres, acostumadas mais ou menos a essas privações, não. Entre elas, muitas havia filhas de famílias ricas da Capital e do interior da Capitania. Filhas de fazendeiros, de graduados, comerciantes e de militares de alta patente, acostumadas a serem em tudo servidas pelas escravas. No Convento, não só faziam todos os serviços da casa, como ainda se mostravam as mais amantes da pobreza.

Não admira, pois, que o santo Fundador, comparticipe de tamanha penúria, ficasse edificado e enternecido. Vendo a generosidade com que suas filhas espirituais se entregavam alegremente aos humildes trabalhos domésticos, lhes permitia a Comunhão cotidiana, naqueles tempos em que a Comunhão frequente não era permitida senão às pessoas de grande virtude.



**Dom Frei Manuel da Ressurreição,  
O.F.M. 3º Bispo de São Paulo**



**Dom Luís Antônio de Souza  
Botelho e Mourão, Morgado de  
Mateus**

## CAPÍTULO 7

### FUNDAÇÃO SOBRE A ROCHA

Disse o Senhor nos Sagrados Evangelhos: "O homem sábio edificou sua casa sobre a rocha. E caiu a chuva, e vieram as torrentes, e sopraram os ventos, e investiram contra aquela casa, mas ela não ruiu, porque estava construída sobre a rocha. Não assim o homem insensato que edificou sua casa sobre a areia. E caiu a chuva, e vieram as torrentes, e sopraram os ventos, e investiram contra aquela casa e ela caiu e foi grande a sua ruína (Mt 7, 24-27).

Se o Recolhimento da Luz era obra de Deus, a sabedoria por essência, e claro, não seria edificado sobre areia movediça, e de fato não foi; elevou-se sobre a rocha mais dura e mais firme que neste mundo há: o sofrimento.

É este o plano divino que se tem mostrado em todos os tempos.

No paupérrimo conventinho não faltavam sacrifícios, conforme se viu pela descrição da vida das Irmãs, mas não bastava. Estas provações exteriores custam pouco, principalmente quando as abraçamos com boa vontade e coragem, e dizia a cronista "apesar de tudo viviam todas muito conformes e contentes".

Era preciso o sofrimento da alma; cutelo agudo que nos traspassa sem arrebatar a vida, e quando bem suportado, produz surpreendentes efeitos: alicerça nossas virtudes, desapega-nos da terra e de suas ilusões, e nos torna, espiritualmente, fortes e destemidos.

Estas provações em breve chegaram para Frei Galvão, para as Irmãs e mesmo ao Morgado não faltou o seu quinhão.

Continuava Frei Galvão dirigindo a pequena Comunidade e já começava a cuidar da construção de novo edifício; embora desse as Irmãs sua orientação espiritual, zelava principalmente de suas necessidades temporais, enquanto a direção interna do Recolhimento ficava nas boas mãos de Madre Helena. Tudo corria do melhor modo, quando a Fundadora cai repentinamente enferma. Com violentas dores, cólicas, dizem os documentos, presumivelmente provindas de aguda crise de apendicite, moléstia então desconhecida. Prestaram-lhe todos os socorros possíveis, mas a moléstia renitente acabou por levá-la à sepultura, quinze dias mais tarde, a 23 de Fevereiro de 1775.

Que contratempo! Que sentimento para as Irmãs vendo-se tão depressa órfãs de sua santa mãe espiritual! Que preocupação para o Servo de Deus ao se ver privado do valioso auxílio da esclarecida Madre!

Em compensação, acharam na dor comum motivos de grande conforto. Madre Helena morrera como verdadeira santa. Ouçamos o que a proposito deixou escrito Frei Galvão: "Um ano e vinte dias esteve a Fundadora nesta sua nova casa, e foi Deus servido por seus altos juízos leva-lá para Si, querendo somente que dispusesse ela esta tão grande obra de seu divino beneplácito, e logo depois dar-lhe o prêmio dos seus trabalhos e virtudes, tirando-a deste vale de misérias para o eterno descanso".

"Faleceu a 23 de Fevereiro de 1775; deu alguns indícios da sua morte, nela se conheceram aqueles mesmos sinais que a lenda de alguns santos os fazem admiráveis".

Logo após a morte da Madre, mandou o bispo que se nomeassem três Irmãs, então apenas noviças, e que professassem, o que se realizou no dia 3 de Março, festa das Sagradas Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Reorganizada a Comunidade e todas conformadas com a vontade de Deus, continuaram a vida costumeira.

Chegamos ao mês de Junho de 1775. Terminara o prazo do governo de Dom Luís Antônio de Sousa e o novo capitão-general, Martim Lopes Lobo de Saldanha chegou a São Paulo, tomando posse aos 14 desse mês.

A novidade não seria para perturbar as recolhidas, tirante o pezar de ver seu piedoso fundador, o Morgado de Mateus, afastar-se, e para sempre, do recolhimento que com tanto carinho fundara.



Esta mudança, no entanto, foi causa de uma das mais penosas provas pela qual passaram a novel Comunidade e seus fundadores.

Era o novo Capitão-general bem de outro feitio que o Morgado de Mateus. A história nos deixou dele triste retrato: "além de amalucado, perverso". Seus oito anos de infeliz governo "representam uma época sinistra na história de São Paulo. Cometeu inúmeras arbitrariedades e das mais graves".

Veio a São Paulo com enorme prevenção contra Dom Luís Antônio, pois, logo no começo do governo, pôs-se a esquadrihar com grande impertinência, todos os atos do ilustre antecessor. Nada achando a censurar, inventou e acusou quanto lhe ditavam a malquerença e falta de escrúpulos. De tudo fez longo relatório enviado ao Vice-Rei Marquês de Lavradio, residente no Rio de Janeiro. Para a frente veremos o resultado deste relatório.

Entre os atos de Dom Luís, não lhe podia passar despercebida, a fundação do Recolhimento da Luz, para ele, espantosa ilegalidade, rebeldia manifesta e escandalosa às leis de S. Majestade fidelíssima!

Conclusão logica: tornava-se preciso, e quanto antes, acabar com tal abuso de autoridade e pieguice!

Em vão dizem que S. Majestade havia tolerado a fundação, nela tacitamente consentindo; que era obra inspirada por Deus; que a câmara e todo o povo dela tinham muito agrado, etc., etc.

A nada quis atender o rigoroso regalista, e com estranha e imprudente precipitação ordenou o fechamento do cenóbio nascente. Se a dificuldade era a falta de licença, havia muitos outros meios para regularizar a fundação, sem ordenar o encerramento definitivo, sem outros recursos.

Nem ao menos respeitou a presença do Morgado de Mateus, que ainda não se retirara da cidade.

Maus princípios para um governo, começá-lo por um ato que desagradava a cidade em peso. Quinze dias apenas havia passado desde a tomada de posse, e a 29 de Junho ordenava ao Bispo o fechamento do pequeno cenóbio.

E Frei Galvão? Como teria recebido a prova? Vejamos como nô-la descreve uma Irmã que presenciou o fato.

"No dia de São Pedro toda a Comunidade tinha de comungar.

Estávamos esperando que o Revdo. Frei Galvão viesse do seu convento para nos dar a santa Comunhão e dizer a Santa Missa como costumava. Passada a hora marcada, e tendo-se reunido o povo das vizinhanças para ouvir a Missa, mandou-se ao Convento ver o que teria acontecido ao Sr. Padre; então se soube que o Sr. Bispo o havia chamado".

"Esperou-se até bem tarde, possuídas todas as Recolhidas do maior susto possível. Finalmente chegou o Sr. Padre e foi direto à sacristia revestir-se para a santa Missa e apenas mandou dizer que, aquelas que estivessem prontas para comungar fossem ao comungatório, que ele não podia ir ao confessionário".

"Com efeito, saiu já revestido para a Missa; deu a Comunhão e, durante a Missa, consumiu o Santíssimo Sacramento. Mandou apagar a lâmpada e, no fim da Missa, disse ao povo que não adorasse Nosso Senhor, pois não estava mais presente ali no Sacrário".

"Terminada a Missa, tarde, mandou dizer à Comunidade que fosse ao refeitório, e depois do jantar a portaria para lhe falar. As Irmãs mal puderam rezar na forma do costume, não só pelo susto, como por afogadas em lagrimas".

"Foram à portaria, e então souberam que o Exmo. Sr. Bispo mandava que avisassem a seus pais para virem buscá-las; que dentro de um mês fossem todas para as suas casas e que se fechassem as portas do Convento".

Aprofundemos um pouco esta singela narração.

Era o momento crítico, diríamos aflitíssimo, e, apesar disso, vemos Frei Galvão dirigir-se a sacristia, paramentar-se e subir ao altar, perfeitamente senhor de si. Domínio admirável justificando plenamente o belo elogio que hoje se lê sobre a pedra de seu sepulcro: "tinha a alma sempre em suas mãos".



Oh! que Missa a daquele memorável dia!

A extinção do convento nada menos era que a destruição de sua obra, e se fosse ele só a padecer! Teria que imolar no mesmo sacrifício as boas Irmãs, filhas espirituais, que com tanto cuidado e zelo vinha formando, unicamente para o amor de Deus. Mais do que o sofrimento próprio sentia vê-las sofrer.

Quanta angústia lhe curtia a alma, enquanto celebrava a santa Missa, que comemorava o martírio do Príncipe dos Apóstolos e fundamento da igreja, São Pedro, 29 de Junho.

Mas após a morte vem a ressurreição, e Frei Galvão não se esquece: o recolhimento fora pedido por Nosso Senhor; se de fato é obra sua, Ele há de ressuscita-lo contra todas as probabilidades humanas.

Reanimado com a fé e esperança, depois de haver dado o Pão dos fortes, a santa Comunhão, às Irmãs, por elas reza com toda a caridade de seu grande coração: "Senhor, por intercessão de vossos apóstolos preservai de todas as adversidade aquelas que saciastes com o alimento celestial".

Terminada a Missa, conta a Irmã, vai dar a triste notícia a suas filhas, e depois de as consolar um pouco, abençoa-as e retira-se sem mais comentários. Não falou de ninguém, não se queixou, e disto temos segura prova, no fato de que nem a Irmã que narrou o acontecimento, nem qualquer outro escrito antigo do convento, dizem que ao Capitão-general se deveu tal ordem, mas sim somente ao Bispo que por sua vez precisava cumprir a ordem de Martim Lopes.

Talvez não haja em toda a vida do Servo de Deus fato, como este, que mais em evidência lhe pudesse as altas virtudes.

Aí se mostra sua fé inabalável, vendo a ação divina onde só parecia estar a má vontade dos homens. Sua esperança heróica, tudo abandonando a divina Providência, sem duvidar que Deus cumpriria seus desígnios, conforme prometera à Madre Helena. Seu incomparável amor de Deus, submetendo-se pronta e totalmente a tão dura e difícil obediência pelo amor d'Aquele que disse: "Sereis meus amigos se fizerdes o que vos mando". Sim, o que vos mando, não só diretamente por Mim mesmo, mas ainda por intermédio de meus representantes, pois, "quem os ouve a Mim ouve e quem os despreza a Mim despreza".

E quanto lhe terá custado o exercício de todas estas virtudes? Seria exagero pensar que ele tenha sentido ferver em suas veias o sangue belicoso de Tibiriçá, e que o humor indômito dos piratinhanos fizesse estremecer até as últimas fibras de seu coração? Não nos admiremos de que tal possa ter acontecido, porque os santos são homens como nós, mas, não param aí; manifestam-se super-homens, vencendo a si mesmos.

E o Morgado de Mateus? Terá ficado impassível diante de tal ocorrência? Não mais lhe cabia autoridade para impedir o desastre, e mesmo que tenha feito o possível para evitá-lo, viu logo que nada conseguiria. Sentiu muito o piedoso fidalgo o procedimento de seu sucessor, e disto deu mostras retirando-se de São Paulo, sem dele se despedir. Outro motivo para que Marfim Lopes reiterasse as invectivas contra ele, em relatório enviado a Lisboa.

Vejamos o que aconteceu às Irmãs, depois que Frei Galvão as deixou.

Aflitas e perplexas, aprontavam-se para abandonar o querido conventinho. A sobrinha de Madre Helena resolveu voltar para seu Recolhimento de Santa Teresa e partiu. Outras duas, recebidas depois da morte da Fundadora, tendo permanecido apenas dois ou três meses no Convento, também voltaram às suas casas. As demais, as ovelhinhas de Madre Helena, que com ela tinham convivido e conhecido de perto seu grande espírito, as confidentes de seu coração cheio de zelo e amor por Deus, conferenciando entre si decidiram ficar. Certas da vontade do Senhor em levantar aquele seu aprisco, não puderam resolver-se a deixá-lo; não queriam também desobedecer. A ordem era para se fechar o convento: seria fechado, e elas aí ficariam esperando pela Providência Divina e pela morte se preciso fosse, mas não abandonariam a casa de Jesus.



Resolução heroica e sublime! Portas e janelas hermeticamente cerradas. Não se via aí sinal de vida humana, e toda gente acreditava, sem duvidar, que a casinha estava deserta.

Vão os dias passando monótonos e vagarosos; as poucas rações de que dispunham esgotam-se, e a fome chega; a água acaba e não podem sair para buscá-la à fonte, pois seriam vistas; sofrem, rezam e esperam. Eis como um documento do mosteiro descreve os acontecimentos desses dias.

" Deus, porém, cuja providência vela especialmente sobre aqueles que o servem com constância, manifestou logo o seu amor, sustentando-as com sua graça e dispensando-lhes alguns milagres. Esgotada a provisão de água, em dia sereno, caiu uma chuva inesperada, e sendo a água recolhida, logo cessou. Um pé de morangas, continuamente despojado das folhas tenras e grelos em razão da falta de outros alimentos, cresceu e produziu tantas morangas que além do próprio consumo, as Irmãs as distribuíam para outras pessoas.

Assim passou um mês e poucos dias, o tempo suficiente para que o vagaroso correio pedestre trouxesse do Rio de Janeiro a resposta do Marquês de Lavradio ao primeiro relatório de Martim Lopes.

Grande decepção para o Capitão-general! Longe de anuir às suas intrigas, o Vice-rei cumpriu seu dever com liberdade e coragem dignas de sua autoridade, e advertiu seriamente o novo governador de São Paulo.

Talvez lhe tenha ordenado também a reabertura do Convento ante alguma representação do Bispo Dom Manuel da Ressurreição.

Viu Martim Lopes que era preciso moderar-se, se não quisesse correr o risco de perder o emprego e as boas graças de S. Majestade.

Diante de tal perigo, oprimito ainda pelo descontentamento do povo e obrigado a obedecer o Vice-rei, revoga a ordem, reabrindo o Recolhimento.

Não deixou, contudo, de hostiliza-lo durante todo o tempo de seu infeliz governo, até 1782. Sendo substituído pelo Capitão-general Francisco da Cunha Menezes, este, juntamente com Dom Frei Manuel da Ressurreição, conseguiu para o Recolhimento a definitiva aceitação por parte do governo real, conforme consta em documentos.

Assim que Frei Galvão recebe, por intermédio do Bispo, a revogação da sentença, corre para o conventinho. Tinha por certo presumido que algumas Irmãs haviam ficado. Não mais a ele voltara, mas, na pequena cidade de São Paulo, fácil seria notar quando acontecia qualquer coisa de novo. Sendo as famílias das Irmãs quase todas de fora, não passaria tão despercebida sua chegada para levá-las.

Além disto, não iriam os pais levar suas filhas com tamanha indiferença, sem antes ir saber, com o Servo de Deus, os motivos de tão estranho acontecimento.

Nada disso acontecera; certificou-se, portanto, que elas não haviam partido.

Oh! quão longo lhe pareceu este mês!

Quantas orações teria elevado a Deus pelas suas Irmãs! Quantos pensamentos tristes lhe viriam, quando, ao sentar-se no refeitório do seu convento, viesse a lembrar-se das pobres filhas que estariam a definir de fome!

Era para correr, quando lá pode voltar. Quem o visse assim apressado pela "Descida da figueira de São Bento"- assim se chamava o trilho primitivo onde é hoje a rua Florêncio de Abreu - diria que ia sacramentar a algum moribundo. Não um só, dizemos nós, mas sete.

Quando as pobres freirinhas ouvem bater à porta com certa impaciência, quais tímidos pintainhos reúnem-se e entreolham-se medrosas: Quem seria? há um mês que não aparece viva alma no Recolhimento; que nova desgraça viria agora?

Logo o temor se muda em extraordinária alegria e admiração, ouvindo a voz conhecida do Servo de Deus, a chamar: - Irmã Conceição, Irmã Gertrudes, Irmã Teresa, estão aí? É Frei Galvão, não tenham medo!

Correm quanto lhes permite a fraqueza, até a grade da portaria e abrem-lhe as portas, exclamando a uma só voz: - Senhor Padre! - Era este o tratamento respeitoso que davam ao seu Fundador. E todas se prostram de joelhos, chorando, chorando...

Que encontro! Teria comovido até as pedras!



Aproxima-se Frei Galvão das grades e pelos seus interstícios olha para as suas pobres Irmãzinhas, conta-as, são sete. - Minhas sete dores e minhas sete alegrias! - Poderia dizer com uma Fundadora ao receber a notícia do martírio de sete de suas filhas.

Por largo tempo a comoção lhe embarga a voz. Olha para aqueles semblantes empalidecidos pela fome, os olhos entumecidos pelas lágrimas e vigílias, todo o aspecto alquebrado pelo sofrimento; e sobre aquelas frentes humildemente inclinadas, já parecia brilhar a aureola do martírio, mais da alma que do corpo.

Quem teria sofrido mais? Ele ou elas? Só Deus sabe, mas, todos se mostraram dignos discípulos do Divino Mestre seguindo-o até o cume do Calvário.

Quando pode falar, o Servo de Deus as abençoa, dá-lhes a boa notícia de que podem continuar a servir Nosso Senhor no Recolhimento, e depois, cuidadoso pai, informa-se de suas necessidades. Nenhuma estaria doente? Felizmente não; só Irmã Ana do Espírito Santo esta mais abatida; de saúde delicada fôra a que mais se ressentira daqueles terríveis dias.

Precisara passar alguns dias na casa dos pais para se restabelecer, mas logo voltará. Por esta Irmã é que pudemos chegar ao conhecimento deste doloroso fato, que tão bem prova a heróica virtude do Servo de Deus e de suas filhas espirituais, discípulas fiéis de seu Pai e Mestre.

Agora está a Casa de Deus fundada sobre pedra firme; pode crescer e prosperar com toda a segurança.

De fato, excetuando o incidente com Marfim Lopes, nunca mais foi o Recolhimento perturbado pelo governo civil. Pelo contrario, sempre gozou de muita consideração e respeito.

"Viveiro de santas" era o nome que lhe davam os nossos avoengos.

Realmente, sempre nele viveram Irmãs de muita virtude.

E toda esta floração da santidade era, em grande parte, fruto do trabalho e virtudes do Servo de Deus. Com sua visão clarividente e até profética, conforme quer a tradição, pressentia a morte lenta para a qual caminhava sua querida Ordem Franciscana na Terra de Santa Cruz, e esforçava-se em dar a Deus uma compensação a essa perda, formando uma plêiade de almas perfeitas, no seu Recolhimento da Luz.

Para tanto não se poupou um instante, não se furtou a nenhum sacrifício, aí consumiu a longa existência. Seu trabalho não foi em vão, e hoje, passados dois séculos de sua fundação, mantém-se o cenóbio qual perene monumento a proclamar o mérito de seu santo fundador.

## CAPÍTULO 8

### O VIVEIRO DE SANTAS

Aplacada a tempestade que desabara sobre o Recolhimento, seguiu-se a bonança. Começava nova fase em sua vida que havia de ir progredindo sempre.

A fama dos milagres que Deus operara a favor do humilde conventinho atraíu muitas vocações.

Aumentando o número das Irmãs, tornou-se necessário melhorar-lhes as condições de habitação, pois estavam totalmente desacomodadas em suas apertadíssimas celazinhas de taquaras.

Frei Galvão disto cuidou, conforme suas próprias palavras dirigidas em carta a certo Tenente-coronel:

"Como, porém, a igreja velha ameaça ruína, e está o frontispício especado e o dormitório é muito acanhado, conforme já relatei, e o número das que desejam a vida da Providência Divina vai sendo maior, fundou-se novo Convento e Igreja no qual pudessem viver, ainda que pobres, com mais respiração e desafogo".

Nesta obra nota-se, com grande evidência, o arrojo admirável do generoso espírito de Frei Galvão, pois nada contribuía então para o feliz êxito da empresa, a não ser sua intrépida coragem e inabalável confiança em Deus.

Os tempos, moral e materialmente, não corriam bons.

A Capitania de São Paulo se achava material e sumamente depauperada. O bandeirismo que estendeu magnificamente o território de nossa Pátria, tais esforços exigira que, afinal, prostrara enfraquecida a capitania dos bandeirantes.

Apesar de tudo, o Servo de Deus, com santa audácia, põe mãos à obra, e longe de se contentar com uma construção medíocre, delineia vasto e solidíssimo edifício. Para a época, representava "obra que tem causado admiração aos paulistas, famigerada e notória às Capitânicas circunvizinhas", conforme suas próprias palavras.

Esta construção iria exigir de Frei Galvão grandes esforços e sacrifícios. Não dispondo de meios pecuniários, havia de levá-la à custa de esmolas, ou seja, pelo socorro da Divina Providência, como dizia.

Algumas das Irmãs, pertencentes a famílias ricas, ofereceram-lhe seus dotes, mas embora valiosa, esta contribuição se mostrava mínima, em face de tão grandes despesas. O filho do Capitão-mor de Guaratinguetá torna-se mendigo pelo amor de Deus, e vai percorrendo vilas e cidades, capitânicas afora, angariando ofertas para sua obra.

Estimadíssimo pela acendrada virtude, conseguia reunir boas somas. Muitas vezes, corações generosos se antecipavam, oferecendo-lhe, espontaneamente, valiosos donativos, de modo que podia dizer: "tem-se gasto na construção desta obra mais de 13.000 cruzados, e julgo que ainda levará outro tanto"; porém, não dá cuidado, porque quem deu e fez com tanta facilidade e liberalidade, fará o mais para a glória de sua admirável Providência.

Não pensemos, entretanto, que tudo lhe correu às mil maravilhas.

Havia, como sempre há, corações ríspidos e juízos temerários que não deixavam de murmurar contra o Servo de Deus. Eis o que aconteceu certa vez, estando ele a esmolar para o seu Recolhimento.

"Num antigo prédio dos "Quatro cantos" ora reconstituído, residia um homem rico. Certa manhã para aí se dirigiu Frei Galvão. Batia-lhe ainda à porta, quando de longe, caminhando pela rua São Bento, avistou-o um transeunte. Não estando ainda convencido das virtudes do Religioso, pensou: "Tão cedo e já Frei Galvão a adular os ricos!" Ao defrontar o prédio, chamou-o o Servo de Deus e disse-lhe: "Meu irmão, não faça juízo temerário do próximo! eu não vim aqui para adular o dono desta casa, mas unicamente pedir uma esmola para o Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição".

"Imagine-se a confusão e o espanto do admoestado, que, certamente, se convenceu da santidade do Servo de Deus".



Suas penosas viagens feitas sempre a pé, segundo declara documento do arquivo do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, causavam-lhe exaustivas fadigas. Nelas gastava meses inteiros, e nem sempre com bom tempo; chuvas torrenciais, sol escaldante, ou frio úmido e penetrante, tudo tinha que vencer, através de centenas de quilômetros.

"Sublime exemplo de austeridade, tendo ele todas as facilidades de fazer tais viagens com maior conforto, e quando sabemos que alguns prelados de sua Ordem costumavam fazê-las, acompanhados por quatro ou seis escravos, conduzidos, provavelmente, em liteiras ou cadeirinhas".

Aqui se deduz ter possuído Frei Galvão excelente compleição física; aliás, uma de suas irmãs, Ana Joaquina, chegou à idade de 112 anos. Antiga escrava que o conheceu, pessoalmente, já em idade avançada, declarou ter sido ele "de aspecto físico vistoso, figura alta, robusta".

O zelo apostólico de Frei Galvão transformava ainda estas caminhadas em verdadeiras jornadas missionárias. Em todas as vilas e cidades por onde passava, a pedido dos Párocos, pregava aos fiéis que, avisados de sua presença, acorriam à Igreja com grande alegria.

Por vezes era tão numeroso o auditório, que não o contendo o recinto da Igreja, precisava pregar ao ar livre. Assim aconteceu em São Luís do Paraitinga, em cuja matriz se guarda até hoje, com grande veneração, mesa que serviu de púlpito ao Servo de Deus, numa dessas suas pregações. Idêntico aconteceu em Guaratinguetá, onde se conta o seguinte fato extraordinário:

Começara o sermão, quando se forma grande tempestade; a chuva se põe a desabar e, por muita vontade que os fiéis tivessem de ouvir o santo religioso, quando viram que ela chegava à praça, onde se encontravam, quiseram retirar-se. Frei Galvão, porém, lhes diz que fiquem, pois nada sofrerão, e realmente a chuva não cai sobre a praça e podem acabar de ouvir a prática que, como sempre, produziu grandes frutos para as almas.

Existiam em Itu, duas famílias que se odiavam mortalmente. Soube Frei Galvão e para lá se dirigiu com o fim de pregar um sermão sobre a caridade, a ver se conseguia a reconciliação das duas famílias, que assim tão publicamente faltavam com o preceito divino, escandalizando as almas.

Anunciou que ia pregar em determinada Igreja, e como sua fama fosse notória, não se tornou preciso mais convite; todo o povo ituano foi ouvir-lhe a palavra inspirada, inclusive as duas famílias adversas.

Subiu ao púlpito e por longo tempo discorreu sobre a caridade.

Vendo, porém, que suas palavras não moviam os inimigos a se darem o ósculo da paz, anunciou-lhes humildemente: O culpado de não vos reconciliardes sou eu, porque não soube dizer-vos, com a pobreza das minhas palavras, quanto é grande, quanto é divina a caridade! E tirando de sob o hábito uma disciplina, começou a flagelar-se fortemente, movendo o auditório até às lágrimas.

A insensibilidade dos corações inimigos também não pôde resistir a esse novo e doloroso gênero de eloquência, e assim as duas desavindas famílias abraçaram-se, fazendo as pazes e vivendo daí em diante em santa harmonia. Em homenagem a tão grande benemerência, deram-lhe os ituanos reconciliados novo burel e cordão franciscano, guardando os do seu uso como lembrança.

O servo de Deus esteve ainda em Itanhaém, onde os franciscanos possuíam um convento, até hoje célebre pela imagem milagrosa de Nossa Senhora da Conceição. Lá também sobrevivem as recordações das visitas de Frei Galvão. Ser-nos-á grato lembrarmos que sua passagem pelo "caminho do mar" o terá abençoado, como outrora fizera Anchieta.

Logo que Frei Galvão foi visto chegando a Itanhaém, todo o povo acorreu ao seu encontro, propalando a notícia para os que ainda não sabiam: Frei Galvão está aí, o frade que chamam de santo! Cercaram-no e o acompanharam até o convento. Ele tomou a chave da Igreja e ia abri-la para os fiéis; ao chegar à porta, disse uma vez, olhando para a chave:



"Olhem, meus irmãos, tempo virá em que as chaves deste convento hão de ser de ouro".

Durante sua pregação muitas pessoas choraram de comoção e estando ele a discorrer sobre a paz e caridade para com o próximo, duas senhoras, que há muitos anos não se falavam, puseram-se a chorar e ali mesmo se abraçaram fazendo as pazes.

Destas visitas do Servo de Deus às cidades do interior da capitania, ainda hoje se guardam saudosas recordações. Em suas famílias tradicionais, conservam-se com religioso respeito, objetos que foram do seu uso, considerados como preciosas relíquias. Isto, porém, vai desaparecendo.

Voltando a São Paulo, dava novas ordens na direção dos trabalhos do Recolhimento, e confundia-se entre os operários, trabalhando com as próprias mãos Consagradas pela unção sacerdotal. Era tudo: engenheiro, mestre de obras e pedreiro.

Não queremos deixar esquecidos os mais dedicados e laboriosos colaboradores de sua obra ingente, os humildes e obscuros escravos.

Desde o começo Frei Galvão os teve numerosos, graças a Irmãs pertencentes a famílias de ricos fazendeiros. Elas os traziam fazendo parte dos seus dotes.

É de notar aqui o costume corrente, naqueles tempos, de possuírem os conventos escravos, não só para o serviço da casa, como ainda para o particular das religiosas. Ninguém estranhava, embora em nada contribuisse para a perfeição da vida religiosa. Não tendo as fâmulas a vocação de suas "Sinhás", davam-lhe comumente muitos dissabores. Frei Galvão jamais admitiu tal uso em seu Recolhimento. Desde o princípio faziam as Irmãs todo o trabalho doméstico. Só permitia que as escravas as auxiliassem em alguma tarefa mais pesada e urgente.

Também os benfeitores emprestavam alguns de seus cativos, não pequena esmola aliás. Havendo que fazer todo o trabalho à força de músculos, o material então mais necessário eram braços.

Era o trabalho pesado e moroso; em vez de cimento armado, terra socada; em lugar de ferro, madeira; tudo havia que transportar sem caminhões nem elevadores; serrar e perfurar sem energia elétrica; só a força de braços.

Não admira que a construção tenha exigido perto de cinquenta anos de aturado labor.

É tradição entre as Irmãs que os obreiros enquanto socavam a taipa, indo e vindo no seu monótono trabalho, acompanhavam a cadência dos movimentos com este curioso estribilho: "cada vês pió, cada vês pió". As vezes alternavam em solos, logo mais se reuniam em coro uníssono, mas sempre entoando o mesmo refrão: "cada vês pió, cada vês pió".

A nós soa esta canção como pessimismo tão escuro quanto a da epiderme daqueles que cantavam. Por que não diziam "cada vez mió"?

Quem, ó escravo, quem te poderia compreender?

A vida, do berço ao túmulo, era-lhes uma coisa só: trabalho e humilhação, mais fácil de aumentar do que diminuir: "cada vês pió".

Além disto, hoje, ao ver estas paredes de mais de metro de espessura, uns 8 de altura, algumas com 30 de comprimento, ao passar por estas portas maciças, capazes de esmagar qualquer cristão se lhe caírem em cima, ao olhar para as vigas gigantes que sustentam a cumeeira do telhado, dá-se razão aos pobres negros. Quanto mais a construção adiantava, elevando-se, tanto mais difícil se tornava o trabalho, e portanto "cada vês pió".

Esta cantilena, por vezes, atrapalhava as Irmãs, mormente nas horas de silêncio rigoroso e oração, pelo que havia um sinal convencionado para os fazer calar. Quando uma das "Sinhazinhas" aparecia na porta e levantava o braço, onde almejava a manga do branco hábito da Virgem Imaculada, qual bandeira de paz, punha fim naquela batalha de pessimismo. Podiam os escravos estar no maior entusiasmo da serenata; calavam-se, imediatamente, até nova ordem, conformando-se em trabalhar ao modo dos monges: em silêncio e meditação.

Frei Galvão, em sua sabedoria e prudência, havia dado às Irmãs algumas diretrizes acerca de suas relações com os escravos: Em primeiro lugar, medidas de



caridade: "Recomenda-nos muito que nunca digamos palavras injuriosas aos escravos, que mais podem os pais injuriar a seus filhos que os senhores a seus escravos, porque são nossos irmãos, que por altos juízos de Deus são cativos e nossos escravos", assim escreveu uma de suas filhas espirituais, tomando nota de seus conselhos. Logo mais atende a observância regular, mandando que em horas de refeição e silêncio, a Madre Regente não admita que as escravas estejam dentro do Convento.

Não deixou faltar as medidas de prudência: "Recomenda que nunca se tenha camaradagem com os escravos e nunca com eles se trate de matérias espirituais, quer dizer, dar conselhos; lá se avenham eles com os Padres". Não queria, também, que aceitassem dádivas dos escravos e seus filhos, a não ser coisas muito diminutas; por exemplo, alguma fruta, porque segundo dizia "não tendo nada de seu, fazendo o contrário se vem a temer furto".

Para terminar a história dos escravos do Recolhimento antecipamos aqui os fatos a eles relativos. Foi-lhes o número diminuindo, quer pelos claros produzidos pela morte, quer pela devolução aos seus senhores; também não eram mais necessários, quando a construção do Convento estava bem adiantada. Por ocasião da libertação, em 1888, alguns se dispersaram, cativos agora da suspirada liberdade, mas outros preferiram ficar no Convento, acostumados que estavam a convivência com as Irmãs.

Estas e outras vagas recordações, eis tudo o que na terra ficou dos escravos do Recolhimento da Luz; no céu já terão recebido a recompensa da existência obscura e laboriosa: "Os humildes serão exaltados".

Voltemos ao tempo de Frei Galvão. Depois de quatorze anos de trabalho ativo, quando a parte construída se mostrava suficiente para alojar as recolhidas, passaram estas do velho conventinho para a nova casa, no ano de 1788, a 25 de Março, festa da Anunciação de Nossa Senhora.

Muito longe, porém, estava o termo da obra que durou nada menos do que 48 anos, pois, quando Frei Galvão, em 1822, faleceu, deixou ainda a torre por terminar.

Estando as Irmãs com maior comodidade, deu-lhes seu santo fundador os primeiros estatutos ou regulamentos para a vida religiosa, por ele mesmo elaborados. Em linguagem clara, simples e concisa, traça-lhes diretivas de grande sabedoria e prudência. Nelas revela seu espírito finamente psicológico: firmeza, energia, sábia e caridosa condescendência para com a fragilidade humana. Assegurava assim a vitalidade espiritual de seu convento que jamais envelhece, semelhante a árvores que apesar do vetusto tronco, conservam a ramaria sempre verde, renovando flores e frutos.





Estampa de Nossa Senhora das Brotas oferecida por Frei Galvão. A gravura é cópia da verdadeira efígie de Nossa Senhora das Barracas, proveniente de Portugal, e que, venerada em Piraí do Sul desde 1808, deu origem ao Santuário de Nossa Senhora das Brotas.

## CAPÍTULO 9 PRISIONEIRO DA CARIDADE

Os trabalhos apostólicos do Servo de Deus não se cingiram somente ao Recolhimento da Luz e a sua Comunidade, pois outras muitas atividades importantes e de responsabilidade lhe cabiam.

Dos três primeiros ofícios que recebera, logo após seus estudos, de Pregador, Confessor e Porteiro, teve que deixar o último por volta de 1776, mais ou menos. Tornara-se incompatível com suas novas obrigações, devendo estar sempre a viajar e a dirigir a construção do Recolhimento.

Os de Pregador e Confessor, porém, sempre os exerceu, quer na Igreja de seu Convento, em São Paulo, quer fora dele, como se tem visto, com grande fruto para o bem das almas.

Sobre suas pregações alguma coisa deixamos dito no capítulo passado, e no tocante ao seu ministério, na administração do Sacramento da Penitência, falaremos em outro, por ter íntima relação com seus dons extraordinários de milagres e bilocação.

Vejamos agora, quais hajam sido os outros cargos de que se viu investido.

Em 1776, os Superiores nomearam-no Comissário da Ordem Terceira em São Paulo, mas é interessante saber que os Terciários relutaram em aceitá-lo. O motivo desta recusa não procedia, absolutamente, da pessoa de frei Galvão, mas dos próprios Terciários que se haviam apegado ao antigo Comissário Frei Inácio do Nascimento Sales, aliás ótimo religioso e merecedor da estima de seus Irmãos. Tal estima, porém, ia além dos justos limites, porque em lugar de se submeterem às determinações dos Superiores da Ordem, recusaram-se abertamente a aceitar o novo Comissário nomeado pelo Provincial.

Este, e o próprio Frei Inácio, incriminou-lhes a desobediência, e por fim, os Irmãos Terciários submeteram-se aceitando Frei Galvão. Em breve, verificando de perto as virtudes do Servo de Deus, lhe votaram profunda amizade.

Permaneceu no cargo durante quatro anos a contento de todos.

Seu nome encontra-se nos livros da Ordem, assinando todos os atos desse tempo, de 1776 a 1780. Em 1779, fora nomeado para um novo triênio, mas, talvez pelas obrigações mais graves, não pôde terminá-lo.

Outro honroso ofício que Frei Galvão recebeu, por diversas vezes de seus Superiores, e muito prova sua alta virtude, foi o de Visitador delegado pelo Ministro Provincial; encargo difícil e delicado, índice da alta consideração e confiança de que gozava em sua Ordem.

Aqui chegamos à época de sua vida em que ocorreu notável fato.

Ver-se-á, pelo que vamos relatar, que o humilde franciscano já se tomara o ídolo dos paulistas. Sua personalidade de santo tal ascendência ganhara, que muitos do povo por ele quase dariam a própria vida.

Governava ainda a Capitania de São Paulo o nosso conhecido Martim Lopes, cuja estima entre seus governados ia em sentido contrário da que gozava Frei Galvão, diminuindo cada vez mais.

Em 1780, "exorbitando da autoridade, fez condenar a morte de força, por conselho de guerra, adrede escolhido, um soldado por nome Caetano José da Costa, vulgo Caetaninho, que por outro conselho fora condenado à prisão perpétua. Consistira o crime deste soldado em ter ferido levemente o filho de Martim Lopes, que o esbofeteara, achando-se ambos embriagados. Ao malvado tiranete opuseram tremenda resistência o Bispo Dom Frei Manuel da Ressurreição, a Câmara Municipal de São Paulo, além de alguns particulares, eclesíásticos, membros do cabido diocesano, etc."

Entre os defensores de Caetaninho, encontrava-se o Servo de Deus, que, naturalmente, uniu sua voz de protesto em auxílio do pobre soldado, juntamente com um monge da Comunidade dos beneditinos.

Apesar de todos os protestos, foi o pobre Caetaninho executado. Não satisfeito com isso, o cruel Capitão General procurou vingar-se da resistência dos grandes, descarregando a ira sobre Frei Galvão e o monge beneditino, talvez por serem os menos graduados entre os demais, e os desterrou para o Rio de Janeiro.

A sentença foi fulminante: deixar São Paulo no prazo de 24 horas.

Frei Galvão se dispôs a partir, sem mesmo ir se despedir das Irmãs no Recolhimento da Luz. Escreve-lhes edificante missiva.

Nesta carta, escrita de improviso e brotada, espontaneamente, do coração, revela-se o espírito sobrenatural do Servo de Deus, tão elevado, acima das mesquinhas intrigas humanas; não faz sequer uma pequena referência à injustiça de que era vítima, nem nomeia pessoa alguma da qual possa ter queixa.

"Tudo e nada", diz, "confiem em Deus que não lhes há de faltar".

Como era o "homem da caridade", por cinco vezes lhes repete, qual outro apóstolo do amor: "Vivam unidas, vivam unidas".

Uma particularidade interessante que mostra bem a sua fina psicologia: escreve "não seriam muito", quando a ocasião parecia exigir que dissesse - não chorem muito.



Sabia, porém, que o sentimento, por grande que seja, com o tempo acaba: não acabaria, entretanto, a obrigação que tinham as Irmãs de serem perfeitas religiosas, e, esquecendo o que lhe poderia tocar pessoalmente, só pensa no serviço de Deus para quem unicamente vivia. Essa recomendação prova ainda que a alegria fizera franca amizade com o conventinho, e ali residia a gosto.

Sua humildade é tocante nesta singela frase: "Peço a todas que me perdoem as minhas imprudências". Que chamaria imprudência? Talvez se julgasse severo demais com as suas pobres Irmãzinhas? Exigira perfeição demasiada para suas forças? Ou temeria que ficassem mal impressionadas com as perseguições que, sem culpa, vinha sofrendo? O mais certo é que foi a sua profunda humildade que a inspirou, pois, seu procedimento era exemplaríssimo, tanto assim que apela para o testemunho de Deus, dizendo: "Nunca fiz por mal, Deus sabe".

A gravidade da situação não o faz esquecer as pequenas coisas, nem "a seda que se tomou na loja do Sr. José Antônio do Rosário". É o interesse meticuloso de pai, diríamos quase, de mãe.

Lendo a carta, as Irmãs não se conformaram. Perder nosso santo Pai? Nisto é que não consentimos! E todas reunidas, humildes e chorosas, cercaram o palácio do grande Rei, o Tabernáculo de sua humilde capelinha, a pedir que ao Senhor fosse servido conservar-lhes seu santo Servo.

Nesse interim, a notícia de seu desterro se propagou velozmente pela cidade, e toda ela estremeceu com a novidade assustadora!

Iam os paulistas perder o seu "padre santo"! Nisto é que não consentiriam.

A população amotinou-se, cercou a casa do Capitão-general e clamando ameaças exigiu a revogação da ordem de desterro. Marfim Lopes não teve outro remédio senão ceder: que fique o frade na cidade!

Neste mesmo ano de 1781, novo perigo ameaça São Paulo, arriscado a perder Frei Galvão. No Capítulo da Ordem, celebrado nesse milésimo, foi nomeado Vigário e Mestre de Noviços do Convento de Macacu, no Rio de Janeiro, no qual fizera seu saudoso noviciado. Ainda desta vez ficou Frei Galvão. Era o prisioneiro da própria caridade; de sua santidade provinham as cadeias que o retinham em São Paulo.

O Bispo Dom Frei Manuel da Ressurreição não o deixou ir, e reteve as letras obedienciais, como diz um documento, "por conjecturar a amargura que todos os habitantes de São Paulo experimentariam na ausência deste Padre, que logo que entrou na Religião até o presente dia, tem tido um procedimento exemplaríssimo, pela qual razão o aclamavam santo". Documento este de capital importância e impar eloquência!

Como se vê, não era só o povo que o apreciava, mas ainda os Prelados. Dom Frei Manuel faleceu em 1789 e foi sucedido por Dom Mateus de Abreu Pereira que não menos estimou o santo franciscano, como teremos ocasião de relatar.

Teriam estes cargos sido para o Servo de Deus o caminho normal para ir recebendo outros de maior envergadura. O fato de não os ter podido desempenhar, não impediu que os Superiores o contemplassem com os prêmios que mereciam seus "mui avultados merecimentos e virtudes", diz o documento já citado. Assim, em 1796 recebeu o privilégio de uma Presidência e Guardiania. Esta graça conferia-lhe os direitos que competiam aos religiosos que já tivessem sido Guardiães, isto é, Superiores de um Convento.

O que, então recebeu por privilegio, logo o teve por direito, pois, em 1798, dois anos mais tarde, foi eleito Guardião do Convento de São Francisco em São Paulo, onde residia.

Desta vez os paulistanos só tinham que se alegrar com a distinção feita ao querido franciscano, porquanto não ficariam privados de sua presença. Agora, quem se assustava era a Comunidade do Convento da Luz. Entenderam as Irmãs que, pelas obrigações do novo cargo, já não poderia Frei Galvão atendê-las como até agora acontecera. Segundo todas as probabilidades seria substituído por outro clérigo na direção do Recolhimento.

Isto as affligiu sobremaneira, pois, para elas, seu santo Fundador era insubstituível. Muito mais do que simples capelão, vinha a ser pai do convento, e por



assim dizer, seu superior, mestre e ecônomo. Com o fim de afastar o mais possível as Irmãs de toda a comunicação com o exterior do cenóbio, e assim lhes assegurar vida espiritual completa e intensa, encarregara-se, além do espiritual, de todo o múnus temporal. Sem Frei Galvão, ficariam a braços com dificuldades de todo o gênero, dado o modo de vida que levavam.

Inútil seria pedir ao Servo de Deus que se furtasse ao cargo imposto pela obediência; por nada neste mundo declinaria da vontade dos Superiores, em cuja manifestação seu vivo espírito de fé, via a do próprio Deus.

Aproveitaram-se, então, as Irmãs das boas graças que gozavam junto ao Bispo e a Câmara Municipal da cidade, e lhes suplicaram servissem de intercessores junto ao Provincial dos franciscanos, conseguindo a exoneração da guardiania de Frei Galvão.

Os receios das Irmãs talvez fossem demasiados, mas, em todo o caso, permitiu-os a Divina Providência para que a posteridade herdasse dois documentos de incomparável valor acerca da santidade do Servo de Deus.

O Bispo Dom Mateus de Abreu Pereira e o Senado da Câmara atenderam as súplicas das Irmãs e dignaram-se enviar ao Provincial duas cartas, cujo conteúdo constitui panegírico dos mais entusiastas sobre a personalidade do santo franciscano. Aliás estavam, Bispo e Câmara, muito interessados no mesmo assunto, como ressalta de seus requerimentos.

Esquecendo o laconismo episcopal, Dom Mateus declara e insiste que Frei Galvão era "a coluna do Convento da Luz, pelas suas virtudes exemplares", e o cenóbio "a âncora que sustenta São Paulo e todo o Bispado"; apela para o zelo do Provincial, invocando o "serviço de Deus e bem público" a fim de se conservar o "insubstituível Clérigo" na direção do Convento. Dai se deduz que se o Convento da Luz era a âncora de São Paulo e do Bispado, devia-o a coluna na qual se sustentava, isto é, o Servo de Deus que o fundara, formara e continuava a fazê-lo florescer.

Por sua vez, o nobre Senado da Câmara, em sua carta, não temeu ser prolixo, nem poupou retórica nos louvores ao humilde franciscano. Notemos apenas algumas das passagens mais interessantes.

Depois dos encômios tecidos às Irmãs da Luz e de cumprirem o encargo de seus intercessores, põem-se os vereadores a advogar a "causa pública", ameaçada com a perda de Frei Galvão. Digamos até que foram de encantadora singeleza nesta frase: "os moradores desta cidade não poderão suportar um só momento a ausência do dito Religioso quando concorrer ao Capítulo no fim do seu governo".

As frases que seguem não poderiam ser mais eloquentes para os créditos de um religioso: "homem religiosíssimo e de prudente conselho; homem de paz e caridade, todos buscam sua virtude; cuidam - e com razão, - estes povos que por ele lhes desçam as bênçãos do céu, e todos a uma voz rogam e pedem que lho não tirem". E sem Frei Galvão, não só as Religiosas se considerariam desamparadas mas assim também ficariam os moradores da Capitania!

É de ficar boquiaberto que um homem alcançasse tamanha popularidade, e não há dúvida, isto só seria possível mercê de extraordinária santidade. Somente ela é capaz de cativar assim os corações, como reflexo das amabilíssimas perfeições divinas.

Qual o resultado de todas aquelas súplicas feitas pelo Bispo e pela Câmara de São Paulo ao Provincial franciscano?

Se a dificuldade residia na permanência de Frei Galvão em São Paulo e na direção do Convento da Luz, a tudo anuiu o Provincial, sem contudo exonera-lo da guardiania.

Ficaram assim todos contentes, e o servo de Deus sobrecarregado com mais um cargo, de não poucas dificuldades e maior responsabilidade.

Seu espírito de sacrifício e de abnegação, largo campo teve onde se exercitar; ficara superior de dois conventos, um de frades, outro de freiras. Quantos cuidados, preocupações, solitudes lhe advieram, sem falar ainda nos muitos chamados a atender, quer de pessoas que o procuravam, quer de doentes e moribundos que o solicitavam para receber os Sacramentos, e outros inúmeros imprevisos, inseparáveis de quem está sempre pronto a se dar ao próximo.



São estas almas, conforme disse certo autor, um pão de que todos se alimentam. Deixar-se assim ingerir, supõe uma virtude heroica.

Frei Galvão a possuía, e tudo tão bem levou de vencida que se viu eleito para novo triênio e para o mesmo cargo de guardião.

Aproximando-se o Capitulo Provincial a 28 de setembro de 1799, Frei Galvão seguiu, na qualidade de capitular, para o Rio de Janeiro, donde voltou exonerado do ofício de Guardião, sendo substituído por Frei Miguel de Jesus Maria Carneiro. Outra vez Frei Galvão teve os votos para Guardião, na Congregação Intermédia, de 28 de março de 1801, e novamente teve de fazer a viagem ao Rio de Janeiro para votar no Capitulo de 2 de outubro de 1802. Sempre viajava a pé, como declaram os documentos, pregando nas cidades e vilas, a pedido dos respectivos párocos.

Nestas viagens tinha que passar pela terra natal: Guaratinguetá. Com que entusiasmo os conterrâneos e a família o receberiam! Seria grande e lhe desagradaria a humildade. Assim, deles resolveu fugir.

Numa ocasião em que por lá devia passar, seus parentes prepararam suntuoso almoço para recebê-lo, para tanto havendo convidado outros parentes, moradores em Roseira, povoação distante uns 15 quilômetros de Guaratinguetá. No dia aprazado, esperaram alegres por muitas horas, mas em vão... Souberam, depois, que Frei Galvão passara. Havia muito, sem entrar na cidade.

Assim fugia das honras e glórias deste mundo considerando-as tanto como nada, conforme disse na carta às Irmãs, quando a caminho do desterro. Nas doutrinas que lhes dava deixava expresso o seu sentimento a respeito, declarando: "as pessoas que se dedicam a Deus não podem achar nas coisas do mundo mais que tormento" (Estatutos cap. 13).

Disse bem, certo autor: a glória é semelhante à nossa sombra; se queremos agarrá-la, sempre nos foge, e se dela fugimos, sempre nos persegue. Assim determina Deus, para que os ambiciosos que a procuram, não a encontrem para sua perdição, e os humildes que dela fogem, sempre a recebam para sua exaltação, conforme as divinas palavras: "Os que se exaltam serão humilhados e os que se humilham serão exaltados".

Assim aconteceu ao humilíssimo Servo de Deus.

Havendo exercido dois períodos de guardiania e recebido o privilégio de um, estava habilitado para ser eleito Definidor, isto é, conselheiro do Ministro Provincial.

Havia, no entanto, insólvel dificuldade: deviam os Definidores residir no Rio, junto ao Provincial, e Frei Galvão era o prisioneiro de São Paulo. Pois bem, o Provincial resolveu a questão alcançando para o Servo de Deus o privilégio de Definidor honorário, assim como já havia recebido o de Guardião.

O privilégio seria concedido através do Núncio. O Provincial, em sua súplica, declara que "o Padre Frei Antônio de Sant'Ana Galvão além dos muitos serviços que tem feito a Província e a Igreja no Bispado de São Paulo, é um Religioso que pelos seus costumes e exemplaríssima vida serve de honra e consolação a todos os seus Irmãos e a todo o Povo daquela Capitania. Senado e Câmara e o mesmo Exmo. Diocesano o respeitam como um varão Santo.

Por este motivo ele Provincial, o tem já eleito in *pectore* para 1º Definidor e se persuade que todos os mais eleitores serão conformes a tão justos sentimentos, porém, pensa que ficarão frustradas as suas esperanças, porque tem toda a certeza que o Exmo. Bispo, Senado da Câmara e todo o Povo se oporão a dita eleição, por não quererem que o dito Religioso resida ausente daquela Cidade que o considera como seu Protetor. À vista de tão atendíveis circunstancias, para que não fique ofendida a justiça, sem prêmio tão relevantes merecimentos, para que não fique também desconsolada a Província não podendo condecorar um de seus filhos que mais a honram, ele Provincial se prostra aos pés de V. Emcía. e pede que se digne conceder-lhe os privilégios de Definidor, como se fosse eleito, etc."

O Núncio concedeu a graça pedida a 9 de Abril de 1802, declarando ser só aquela vez. De fato, o privilégio era extraordinário, visto a circunstância de requerido antes da reunião do Capitulo, e nem antes, nem depois, houve outro semelhante; foi o único.



É interessante notar como a Divina Providência se compraz em honrar a seus amigos!

Quanto a Frei Galvão, não se sabe que caso fez dos novos privilégios, mas é quase certo que não lhes deu grande importância. De modo invariável se assinava, simplesmente, "Frei Antônio de Sant'Ana Galvão", e, se queria acrescentar algum título, era o de "miserável religioso", "indigna e miserável criatura como Deus sabe", "pobre pecador", etc.

As Irmãs da Luz, boas filhas, e que se alegraram, e daí em diante começaram a lhe dar o nome de Sr. Padre Definidor.

Um acontecimento que lhe serviu de muito maior consolação do que todos seus privilégios, foi a benção da igreja do Convento da Luz realizada a 15 de Agosto de 1802. Depois de 27 anos de trabalho, o novo santuário estava pronto para servir ao seu santo ministério de casa do Senhor.

A benção devia ser feita pelo Bispo, mas, tendo este de pontificar na Sé, por ser festa da Assunção de Nossa Senhora, delegou ao Servo de Deus os poderes para realizar a cerimônia. Esta graça teria despertado em sua alma as mais doces consolações. Dá-nos a impressão de ter sido amorosa delicadeza da Virgem Nossa Senhora para com seu dedicadíssimo Escravo. Fôra ele quem, à custa de ingentes trabalhos e sacrifícios, lhe erigira esse templo; porque não seria também quem lho oferecesse e o consagrasse pela benção litúrgica e pela primeira celebração do Santo Sacrifício da Missa?

Essa consolação ofereceu-a a Divina Mãe a seu amoroso Servo, embora não deixasse de ser muito honrosa e confortadora a cerimônia, se realizada pelo Bispo.

Para terminar a descrição de seus cargos, aduzamos mais algumas notícias que nos deixaram os documentos.

A 10 de Outubro de 1804 o encontramos no Convento de Santa Clara, em Taubaté, Visitador delegado pelo Provincial, e no dia 29 do mesmo mês em Itu, cumprindo igual ofício, no Convento de São Luís de Tolosa.

Em 1807, foi constituído Visitador geral e Presidente do Capítulo, porém não lhe foi possível desempenhar este cargo. Contava de 69 para 70 anos de idade; sua vida laboriosa e penitente o extenuara e suas forças começavam a declinar. Dizem os documentos que renunciou a este ofício por motivo de falta de saúde.

Cremos que nesta ocasião lhe tenha sobrevivido alguma enfermidade mais grave, que não lhe permitiu fazer as longas viagens ao Rio e demais Conventos, para exercer a comissão de Visitador. Talvez depois tenha melhorado um tanto, porque no ano seguinte, em 1808, Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho, eleito provincial, torna a delegá-lo para visitar os conventos do Sul. Renunciou finalmente e de modo total a este encargo, porque suas forças para tanto não davam mais. O termo da aceitação de sua renúncia encontra-se no "Livro de eleições (1787 a 1859 - Fls. 70 e 70v.) conservado no antigo arquivo do Convento de Sto. Antônio do Rio de Janeiro, no seguinte teor:

"Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1808 aos 9 do mês de março, em Mesa Definitória foi lida a renúncia do Ir. Ex-Definidor Antônio de Sta. Ana Galvão, por se achar destituído de forças, de sorte que não diz Missa, não segue Comunidades, não sai fora por seu pé, nem serve de coisa alguma (não desempenha nenhum cargo). O que atendido por Nós, Provincial, Custodio e P.P. Definidores, aceitamos a dita renúncia por serem justas as causas e o aliviamos do ministério de Visitador Geral desta Província...etc."

Não obstante, o Revdo. Pe. Frei Guido Hussmann O.F.M. em seu opúsculo "A Paroquia do Sr. Menino Deus e o Santuário de N. Sra. das Brotas", editado em Pirai do Sul, Paraná, 1964, presume que Frei Galvão tenha visitado as residências franciscanas do sul, passando pela região de Pirai do Sul no Paraná. Fez esta suposição por estar o nome do Servo de Deus ligado ao culto de N. Sra. das Brotas, devoção que naquela cidade teve a seguinte origem:

"Em Pirai do Sul, Paraná, num bosque aprazível nasceu a veneração de Nossa Senhora sob o título das Brotas. Humilde e despretensiosa gravura de papel, apresentando Nossa Senhora com o Menino Jesus no braço direito, encimada com os



dizeres: "Sicut Tabernácula Cedar", deu início a esta devoção, que atualmente atrai milhares de devotos de longe e de perto.

Diz a tradição popular sobre a origem desta santa efígie que um santo missionário, de passagem para o sul do país, no início do século XIX, entregou a mesma a uma família piraiense. Na cartolina, em que os antigos colocaram a estampa, lia-se a seguinte dedicatória: "Lembrança de Frei Galvão". Na incumbência de visitador provincial no ano de 1808, Frei Galvão teria passado pelas plagas da atual Pirai do Sul, hospedando-se na casa da viúva Ana Rosa Maria da Conceição de Paula. Ao despedir-se deixou como recordação sua uma estampa de papel com a efígie de nossa Senhora, dizendo: "Venerai sempre esta santa efígie, porque ela é muito milagrosa". Esta última recordação do ancião missionário de 70 anos gravou-se indelevelmente nos corações de todos. Anos mais tarde, contraindo Ana Rosa segundas núpcias com Joaquim Maciel, transferiu-se para a casa deste. Na mudança perdeu o quadro, fato que lhe causou grande tristeza e imensa dor. Todas as buscas foram baldadas. Certo dia, porém, encontrou a sua querida Santa no mato queimado por um grande incêndio, entre os brotos novos da vegetação. O fogo destruíra a moldura sem lesar a estampa que era de papel. Convenceram-se que o santo missionário não falara em vão ao chamar a imagem de muito milagrosa.

O servo de Deus, Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, tornou-se o instrumento nas mãos de Nossa Senhora para implantar na Paróquia de Pirai do Sul a devoção à Virgem". Que a estampa de Nossa Senhora tenha sido presente de Frei Galvão, não há que duvidar. Presumimos, porém, que ela tenha chegado a Pirai por outros, e não pelo Servo de Deus pessoalmente.

Noutro capítulo falaremos de sua ida a Sorocaba para fundar o Recolhimento de Santa Clara.

Vimos, rapidamente, alguns dos grandes serviços que Frei Galvão prestou à sua Ordem, para a glória de Deus e bem das almas. Quantos sacrifícios lhe custaram, é fácil imaginar: considere-se a falta de meios de transportes através de centenas de quilômetros, as fadigas e privações, quanto à parte material. Pensemos, também, na mágoa que sentiria ao visitar os diversos cenóbios: verificar a diminuição sempre maior do número dos confrades, o resfriamento do fervor de alguns, enfim, divisar com sua visão profética o fechamento de todas essas casas, o desaparecimento dos religiosos, e quase a morte da Ordem Franciscana, em sua querida Terra de Santa Cruz.

Deixou uma prova desse dom profético, quando anunciava às Irmãs da Luz, que mais tarde viriam Padres seculares a ser capelães do Convento. Recomendava-lhes fizessem as alvas com golas mais apertadas, por não terem esses sacerdotes o capuz dos frades. De fato, desde 1849, o convento não mais dispôs de capelão franciscano.

Feliz existência a do Servo de Deus! Vida toda cheia de Deus e toda consumida para Deus; arraigada em Seu divino amor, não se abalou pelas dificuldades, não trepidou diante do sacrifício, não vacilou vendo outros fraquejarem. A ela se poderia aplicar a palavra bíblica: "As muitas águas das tribulações não puderam extinguir o fogo da caridade".





**Frei Galvão – Tela por Augusto Petit - 1892**

## CAPÍTULO 10

### HOMEM DA PAZ

Conforme dizia a Câmara de São Paulo. Frei Galvão era considerado precisíssimo à Capitania, porque nele todos encontravam auxílio eficaz para suas necessidades espirituais. Entre os benefícios que prodigalizava o maior era o da paz, bem tão grande, sem o qual todos os demais não bastam a nossa felicidade.

Esta paz que hauria da união com Deus, fonte da suprema paz, era-lhe tão inseparável que passou a ser o seu mais belo apelativo: "o homem da paz".

Vimos em suas pregações em Itu e Itanhaém, como conseguiu a pacificação de famílias e pessoas inimigas. O seguinte episódio, nos dará uma idéia ainda mais concreta de seu belíssimo apostolado de paz.

"Quando em Itu, de visita ao tenente e ouvidor Fernando Pais de Barros e sua mulher Maria Jorge, e aceitando o convite de com eles pernoitar, na mesma casa aliás onde mais tarde ofereceram hospedagem ao Imperador D. Pedro II, o casal o conduziu ao quarto para ele acomodado. Parando diante da porta, disse Frei Galvão: "Este quarto não me serve".

Disseram-lhe que justamente para ele fora preparado. "Mas neste não quero passar a noite, replicou, quero dormir ali", e apontava o quarto do casal. Não houve meio senão fazer-lhe a vontade. Na manhã seguinte encontraram a cama intacta, mas, desde aquele dia cessaram todas as desavenças que até aquela data eram constantes entre o casal".

Este originalíssimo fato, mostra que só a presença do Servo de Deus bastava para afugentar o demônio da discórdia, e fazer reinar em seu lugar o anjo da paz.

Em suas pregações e ensinamentos às Irmãs, inculcava-lhes o mais possível o amor à paz, verberando os vícios contrários: a murmuração, as queixas, as impaciências, etc.

Com encantadora simplicidade de linguagem dava este conselho às suas filhas espirituais. "Quando alguma de vós estiver se queixando e desabafando com outra, nunca seja ajudada e só se diga: Irmã, tenha paciência. E isto mesmo não se faça muitas vezes; e se a queixosa não estiver capaz de se acomodar, então se cale a que ouve, nunca aumentando as queixas por principio algum" (Conselhos e Doutrinas).

Conselho de ouro! se fosse bem praticado, quantas discórdias se evitariam! Quanta paz e felicidade, em vez de rixas, inimizades, dissabores e desgostos.

Se, nas suas doutrinas, conselhos, exemplos e admoestações, Frei Galvão irradiava paz em torno de si, era na administração do Sacramento da Penitência que comunicava a mais segura paz às almas, porquanto, dava-lhes a de uma consciência purificada e reconciliada com Deus.

Na verdade, é desta paz com Deus que dimanam todas as outras, a paz com o próximo e conosco mesmos. Em vão se procurara fazer medrar esta bela flor, se ela não estiver em Deus enraizada. Só por amor a Ele temos força de perdoar, suportar e tratar a todos bem, cumprir exatamente os nossos deveres, à custa de sacrificar nossa comodidade e prazer.

No tempo do Servo de Deus, não era comum a frequência assídua aos Sacramentos. Com exceção das pessoas consagradas à vida sacerdotal ou religiosa, contentavam-se os seculares em cumprir o preceito anual da confissão e comunhão. Ao chegar o tempo da Páscoa, acorriam os penitentes ao confessionário do santo franciscano, não só pessoas da cidade, como de fora.

Passando o tempo de cumprir o preceito, nem por isso Frei Galvão interrompia seu ministério sagrado. Havia os moribundos, junto dos quais era sempre chamado, a fim de os preparar para a eternidade.

Justamente para tais casos, Deus lhe concedeu o privilégio da bilocação que, por ter sido frequente, era conhecido em toda a Capitania. Destes fatos prodigiosos, o mais importante e melhor historicamente provado, foi sua bilocação a favor de Manuel



Portes que morreu às margens do rio Tietê, no bairro de Potunduva, município de Jaú, pelos fins do século XVIII. O historiógrafo Afonso Taunay assim o descreveu:

"Entre os mestres das monções, em fins do século XVIII, era especialmente prestigioso Manuel Portes, graças à ordem que sabia manter entre as tripulações, o cuidado ou antes o rigor com que executava as encomendas e escrupulosa fidelidade na entrega de dinheiro e mercadorias".

"Era um mameluco de prodigiosa energia, hercúleo e violento, sobremodo propenso a deixar-se arrebatado pela cólera. Seus subordinados o temiam imenso, pois não trepidava em castigá-los do modo mais rude".

"Os negociantes de São Paulo e Mato Grosso nele depositavam grande confiança. E muitos esperavam ansiosos a sua presença de capataz de monção reiúna para lhe entregarem a mercadoria".

"Vinha este sertanista conduzindo a monção reiúna que subia o Tietê rumo a Porto Feliz. Tinha queixas da desídia de um de seus homens, certo Apolinário, caboclo indolente e pouco afeito a disciplina férrea do mestre. Já o repreendera este várias vezes e o ameaçara e o homem se humilhara mas não se emendara. Abicados os canoões à barranca do Tietê e desembarcadas as equipagens, para o jantar, pusera-se Manuel Portes a fazer a costureira revista e ronda diária. E aí apanhara novamente o caboclo em falta".

"Deixara-se então levar a uma das frequentes cóleras furibundas. Tomando uma açoiteira chibateara rijamente o remeiro que aliás não se defendera".

"Pouco depois estava Portes conversando com um de seus homens quando inesperadamente sentiu forte murro às costas. Voltando-se, viu Apolinário que fugia a correr, empunhando enorme facão. Terrível fora a punhalada, não tardando que o apunhalado caísse prostrado por enorme hemorragia".

"Pusera-se então no auge do desespero a gritar: " Meu Deus, eu morro sem confissão! Virgem Mãe de Deus, perdão! Perdão! Senhor Santo Antônio, pedi por mim! Dai-me confessor! Vinde, Frei Galvão, assistir-me!"

"De todos os lados acudiam os comandados e dentro em breve estava ele por terra moribundo, já com a voz sumida, a pedir a presença de um padre, a clamar por Nossa Senhora e os santos de sua devoção".

" Cercavam-no os homens da monção, impressionados com aquele desespero piedoso. Onde naquela selva arranjar confessor que confortasse o moribundo? Subitamente, gritou um dos circunstantes: aí vem um padre! E todos de olhos esbugalhados, absolutamente estarecidos, viram um franciscano que se adiantava para o agonizante. Nele reconheceram Frei Galvão, cuja figura lhes era familiar, como frequentadores de Itu que todos eram.

" Afastou com um gesto os espectadores da trágica cena, abaixou-se sentou-se, pôs a cabeça de Portes sobre o colo e falou-lhe em voz baixa, encostando-lhe depois o ouvido aos lábios. Assim ficou alguns instantes, findos os quais abençoou o expirante. Levantou-se então, fez um gesto de adeus, afastou-se de modo tão misterioso quanto aparecera, deixando estáticos os presenciadores de tão estranha ocorrência, certos de haverem presenciado um milagre".

" No porto de Potunduva sepultou-se Manuel Portes, e os seus homens assinaram-lhe o túmulo erguendo tosco e grande cruzeiro que se manteve muito tempo e foi diversas vezes substituído, até que no local se levantasse a capelinha de Frei Galvão, ali desde muitos decênios existente e piedosamente conservada por seus vizinhos.

Frequentemente, apesar de ser o local inteiramente ermo, ali vão pessoas cumprir promessas ou, simplesmente, visitar a capelinha por devoção. O povo, porém, consagrou o dia 3 de Maio, Invenção da Santa Cruz, para fazer a sua festa.

É tradição que, na hora do milagre, estaria Frei Galvão a fazer uma pregação em São Paulo. Interrompendo-a, ajoelhou-se, pedindo que rezassem uma Ave-Maria pela salvação de um moribundo em lugar muito distante. Acabada a oração, levantou-se e continuou a prédica.



Segundo outros, estaria a dar catecismo a crianças. Em certo momento calara-se e debruçara-se alguns minutos sobre a mesa, guardando completo silêncio. Depois, contou aos meninos que se sentia cansado por ter feito longa viagem.

Além deste famoso caso de bilocação a favor de Manuel Portes, contam-se muitos outros na vida do Servo de Deus, conservados na tradição do povo paulista.

Transcrevemos os seguintes:

"Adoecera gravemente um senhor, em Taubaté. Os familiares lhe fizeram lembrar que devia confessar-se a fim de se preparar para a viagem à outra vida. Respondeu o doente que já se confessara ao Revdo. Frei Galvão. Riram-se as pessoas, pois Frei Galvão não se achava em Taubaté naquela ocasião. Notando que o caso urgia, insistiram novamente com o doente, o qual, tirando debaixo do travesseiro um lenço, disse: "Não me credes? eis a prova" aqui esteve ele, confessou-me e retirando-se esqueceu o lenço". Então ninguém mais duvidou que o Servo de Deus ali estivera, pois o seu dom de bilocação já era notório em toda a Capitania de São Paulo.

" Certa tarde, achava-se Frei Galvão em Itu a conversar com alguns amigos. Ficou algum tempo muito quieto, como se estivesse dormindo. Quando despertou, perguntaram-lhe se estava doente; respondeu que tinha ido a Capivari ver um doente que desejava com ele confessar-se e que este doente já havia falecido.

"Souberam mais tarde do falecimento da referida pessoa naquele dia havendo quem visse Frei Galvão lá chegar".

"Certa vez, tocando a oração à meia-noite, no convento de São Francisco, deram pela ausência de Frei Galvão, que só apareceu no coro quando já ia adiantado o Ofício. O padre Guardião interrogou-o:

- Onde esteve, Frei Galvão? procuramo-lo por todo o convento!
- Fui confessar um doente em Parnaíba - respondeu o Servo de Deus.
- A estas horas?
- É a pura verdade, padre Guardião, e a prova está em meu hábito molhado".

O privilégio de bilocação seria concedido por Deus a seu santo Servo, como recompensa de sua heróica caridade pelos doentes e agonizantes, e não só durante sua vida neste mundo.

Ainda hoje, Frei Galvão continua seu abençoado ministério, junto dos moribundos. Entre as numerosas cartas que o Mosteiro da Luz recebe todos os dias, agradecendo favores obtidos pela sua intercessão, aparecem algumas descrições mais ou menos semelhantes. Contam a aparição do Servo de Deus, geralmente em sonhos, mandando ao devoto que se confesse, ou dando-lhe algum outro conselho necessário ao caso.

Deus serve-se da intercessão de seu Servo e continua a lhe dar o ensejo de espalhar o bem sobre a terra.





A antiga capelinha de Frei Galvão em Potunduva às margens do rio Tietê

## CAPÍTULO 11

### HOMEM DA CARIDADE E PRUDENTE CONSELHO

A virtude cristã da caridade consiste no amor de Deus sobre todas as coisas, e no do próximo como a nós mesmos.

Em geral, compreende-se a caridade em relação ao próximo; do que concerne a Deus resulta um enigma para a maioria dos homens.

Amar a Deus? Que vem a ser esse amor se não o sentimos? Por mais que o desejemos nunca temos certeza de o possuir...

É modo errôneo de considerar o amor de Deus; pensar que o temos, só quando o sentimos, a semelhança do amor que dedicamos às criaturas.

O amor de Deus é muito mais real que o das criaturas, não se baseia em sentimentos, mas em obras: amamos a Deus quando fazemos sua vontade, quando não o ofendemos, mesmo à custa de nosso prazer, de nosso comodismo e, se preciso for, da própria vida.

Frei Galvão, o nosso querido santo, foi o "homem da caridade" como lhe chamava o povo; talvez nesta expressão se referissem apenas à caridade para com o próximo. Consideremo-la, primordial e essencialmente para com Deus, pois esta é a fonte e origem da segunda.

Foi o Servo de Deus uma alma prevenida pelo amor divino, desde os primeiros anos. Sua piedosa mãe, embalando-o nos braços, já o fazia balbuciar os nomes do Papai e Mamãe do céu; era a primeira sementinha a cair naquele coração puro e dócil. Crescendo, no colégio dos excelentes educadores jesuítas, sua inteligência se desenvolve: tem necessidade de conhecer melhor este Pai celestial; estuda-o, e enamora-se, cada vez mais, de Suas infinitas perfeições.

Seu amor a Deus foi crescendo sempre, e logo se manifestou em obras heroicas.

Deus o chama para uma vida de renúncias e sacrifícios, deve se tornar religioso; e ele se entrega de corpo e alma a fazer a vontade do Senhor. É preciso depois

encarregar-se de obra difícil e arriscada: fundar um convento em tempos hostis, sem recursos de espécie alguma, com mil dificuldades e empecilhos, e não hesita; é a vontade de seu amado Senhor, cumpre-a, resolutamente, com toda a energia de seu grande coração e gênio de bandeirante. O homem gosta de variar, nem que seja para pior, assim se diz: mudar às vezes de casa ou de cidade, pelo menos passar fora umas pequenas férias. Ora, Deus quer prender Frei Galvão em São Paulo todos os dias de sua vida, e ali fica ele, para agradar a seu Senhor.

Oh! vontade de Deus, santa, amável e sábia: cumpri-la é a maior prova de amor que lhe podemos dar!

O amor de Deus se manifesta ainda de outras maneiras. Quem ama quer, principalmente, ficar na companhia da pessoa amada. Nada mais fácil quando se trata de Deus, pois, Ele está em toda parte e habita em nossa alma, como em seu templo; quando com Ele falamos, quando n'Ele pensamos, amamo-lo, e isto é o que chamamos rezar, conversar com Deus.

Frei Galvão era grande orante; sempre recolhido, imerso em Deus, até pelos caminhos andava meditativo, como depôs a escrava Lucrécia, que o conheceu pessoalmente.

Exortava as Irmãs a se entregarem a oração o mais possível. Proscreeu-lhes duas horas de meditação por dia, e mais meia hora suplementar para as que quisessem.

Com admirável dedicação ensinava-lhes o ofício Divino e mais cerimônias das orações litúrgicas.

Celebrava a santa Missa com incomparável devoção e serenidade, declarou a escrava Lucrécia, e acrescentou ser até mui demorada a sua presença no altar.

A Igreja do Convento da Luz, por ele construída, tão singela e ao mesmo tempo tão devota e recolhida, parece evocar o carinho e amor de Frei Galvão, preparando a morada de seu Senhor.

Nela o que particularmente chama a atenção é o Sacrário; da impressão que aí o Servo de Deus pôs singulares cuidados. Majestoso, mede um metro e quarenta centímetros de altura por sessenta centímetros de largura, e tem qualquer coisa de imponente e misterioso.

Era a prisão de seu Deus Sacramentado, e foi o repouso de seus últimos anos de vida em pequena cela atrás da parede encostada ao altar. Ali ao Senhor entregou sua santa alma.

Outra característica do amor revela-se na gratidão pelos benefícios recebidos da pessoa amada. Com respeito a Nosso Senhor, o maior que d'Ele recebemos foi nossa redenção, pela sua dolorosa Paixão e Morte de Cruz.

Especial devoção nutria o Servo de Deus por Jesus Crucificado. A via-sacra, devoção tão franciscana, era-lhe muito familiar, tanto que permitia às Irmãs terem nas celas as cruzinhas das estações do caminho da cruz, a fim de mais facilmente se entregarem à meditação frequente dos sofrimentos do Salvador.

O crucifixo era imagem que lhe andava sempre ao alcance da mão. No Convento da Luz há diversos que ele próprio colocou, na enfermaria, coro, igreja e outros locais.

Se desejava presentear alguém, era o crucifixo o mimo escolhido, e a este respeito narra-se caso muito interessante:

"Passou um médico certa manhã pelo Recolhimento da Luz., a fim de visitar Frei Galvão. Este, terminada a visita, ofereceu ao amigo a veneranda imagem, dizendo que a levasse para que se encaminhassem melhor seus negócios espirituais e temporais. O médico agradeceu o presente, pedindo, porém, ao Servo de Deus que o guardasse até regressar das visitas que ia fazer a alguns doentes.

Cumprindo o dever profissional, seguiu para casa, esquecendo-se de voltar ao Recolhimento. Ao penetrar no consultório, cuja chave trazia consigo, viu com grande e comovedora surpresa, sobre a mesa de trabalho, o crucifixo de Frei Galvão!"

Feliz Frei Galvão! Amou tanto a nosso bom Deus que muitas vezes era arrebatado em êxtase pelo ardor de sua caridade.



Tendo ido pregar missão em uma fazenda no interior da Capitania de São Paulo, estava recolhido em seu quarto. As crianças brincavam diante da porta e, curiosas, quiseram espiar o Servo de Deus por uma cavidade que havia na parte inferior da porta, pela qual passavam os gatos. De repente, puseram-se os traquinas a gritar: "Frei Galvão está voando pelo ar!" Os moradores da fazenda explicavam este fato, de ter sido ele arrebatado em êxtase durante a oração. Este fenômeno místico do corpo elevar-se e manter-se no ar sem apoio chama-se levitação, e além deste caso conhecemos outro muito interessante também.

Encontramos no arquivo do Mosteiro da Luz um manuscrito narrando o seguinte: "Uma velhinha, certo dia, andava pela rua, quando de longe vê Frei Galvão que vem se aproximando; reparou que andava sem pisar no chão, pelo que muito admirada, ao se encontrarem, lhe disse: "Ué, senhor Padre, então vosmecê anda sem pisar no chão?" Sorriu o Servo de Deus e continuou o caminho sem nada responder.

De fato, nem queria dar explicação, nem a velhinha a compreenderia; tratava-se de um caso de levitação: mergulhado na oração, andava absorto e acima da terra.

Deus e seu amor era o grande ideal, o último escopo da existência do Servo de Deus.

Nos Estatutos que escreveu para o Convento da Luz, nos conselhos e ensinamentos às Religiosas, e sempre esta sua preocupação: elevá-las a um sublime grau de amor divino.

Sob a influência de seu grande espírito, belíssima floração de santidade entre elas desabrochou. daquelas almas simples e tão pouco ilustradas, fez almas de grandiosos ideais e transformou o casarão colonial num "viveiro de santas".

Da caridade de Frei Galvão ao próximo não se pode duvidar, tendo sido ela que o prendeu toda a vida ao povo paulista.

Não podia este sem ele viver, diz a carta da Câmara de São Paulo.

Todos buscavam sua virtude, e se tanta confiança nele depositavam, é porque encontravam no Servo de Deus um pai sempre amigo e bondoso, paciente, esclarecido, benigno, ainda quando fosse preciso empregar severidade.

Era o amparo dos pobres. Além de socorrê-los com esmolas que recebia de benfeitores, usava de processo todo amável para aliviá-los em suas necessidades. Saldava-lhes as contas nas lojas e armazéns e, quando iam satisfazê-las, ficavam sabendo que o Servo de Deus por eles pagara. Que delicadeza paternal!

Aos escravos mostrava compassiva benignidade, excepcional para aqueles anos de férrea mentalidade escravista. Longe de os mal tratar como senhor, considerava-os seus irmãos, dizendo: "Mais pode um pai maltratar seu filho do que o senhor a seu escravo, porque são nossos irmãos, que por justos juízos de Deus são nossos cativos e escravos" (Conselhos).

Era o consolo dos tristes.

Certa vez, na então vila de Itu, onde frequentemente ia, um amigo desejando receber-lhe a visita, manda-lhe seu "automóvel", isto é, a cadeirinha conduzida por escravos, para que chegue a sua casa. Transitava por certa rua, quando uma senhora por detrás das rótulas, sabendo que era Frei Galvão quem passava, suspira chorosa, amargurada pelos desgostos da vida: Oh! se ao menos Frei Galvão me desse sua benção! Mal o pensara, quando o Servo de Deus, afastando a cortina, levanta a mão e lança-lhe a benção. Que alegria para a pobre senhora!

Na mesma cidade "pediu-lhe uma aflita mãe que orasse por seu filho, moço de gênio irascível e de péssimo procedimento, que costumava ausentar-se dias e dias do lar. Frei Galvão consolou a pobre mãe e lhe disse que confiasse em Deus, pois seu filho voltaria logo, completamente transformado. Pediu-lhe, porém, que nada dissesse ao moço sobre o assunto de sua conversação. Poucos dias após, regressou o filho pródigo, radicalmente outro no falar e no proceder, e foi daí em diante a alegria de sua mãe".

Para socorrer os enfermos, dotara Nosso Senhor a seu fiel Servo com o dom dos milagres.

Certo dia, vieram recomendar às suas orações um moço martirizado por violentas dores provenientes de cálculos vesicais. Compadecido, prontifica-se Frei Galvão



a rezar por ele, mas ao mesmo tempo acode-lhe súbita inspiração; lembra-se do infalível poder da Virgem sua Senhora e, tomando pequeno fragmento de papel, nele escreve estas palavras do Ofício de Nossa Senhora: "*Post partum, Virgo, inuiolata permansisti: Dei genitrix intercede pro nobis*", o que quer dizer, "Depois do parto, ó Virgem, permaneceste intacta: Mãe de Deus, intercede por nós".

Enrolou o papel na forma de minúsculo canudo e mandou que o dessem para o moço tomar. Este, apenas o ingeriu, expeliu grande cálculo e imediatamente ficou são.

Noutra ocasião veio um senhor, muito aflito, pedir-lhe um remédio para a esposa que se encontrava em perigo de vida no transe de parto.

Frei Galvão teria sorriso diante da simplicidade do aflito homem; que remédio poderia ele dar a semelhante caso?

Eis que se lembra do papelinho da Virgem; faz outro igual e o dá ao pobre pai que vai voando para casa. Horas depois, muito alegre, vem dar a notícia de que o anjinho chegara com muita felicidade, e que mãe e filho se encontravam em ótimas condições de saúde.

Estes fatos se propalaram com grande rapidez, e os pedidos dos papelinhos eram muito frequentes, mesmo em vida do Servo de Deus. Ensinou às Irmãs fazê-los, e ainda em sua ausência podiam dá-los às pessoas que os viessem pedir à portaria do Convento, como acontece até nossos dias. Por meio dessa devoção, os fiéis alcançam as mais diversas graças, materiais, espirituais ou corporais.

Além de "homem da caridade", era Frei Galvão, "homem religiosíssimo e de prudente conselho".

Dar bons conselhos, corrigir os desencaminhados, ensinar os ignorantes, são formas diversas da caridade espiritual.

O Mosteiro da Luz conserva 47 pequenos tópicos, autógrafo das Irmãs antigas, contemporâneas do Servo de Deus, e que tem por título: "Doutrinas e conselhos que nos tem dado o Revmo. Sr. Pe. Definidor Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, nosso confessor e Prelado que nos criou desde o princípio e Fundação deste Recolhimento".

Muitos destes conselhos são relativos ao regulamento conventual, outros servem a qualquer pessoa, porquanto tratam de virtudes cristãs comuns a todos.

Alguns deles até podem ser ilustrados com fatos que se deram na vida do santo franciscano. Vejamo-los.

Pelo fim de sua santa vida, com licença dos Superiores, residia no Convento da Luz. Pela manhazinha, aproximando-se a hora da Missa, saía à porta da Igreja para tanger o sino ali colocado, por não estar a torre ainda construída.

Certo dia, estava a cumprir este piedoso mister, quando foi visto por dois estudantes que vinham a alguma distância e não poderiam ser ouvidos pelo Servo de Deus. Disseram, então, em ar de galhofa: Olha lá o maganão à espera das fiéis. E rindo foram se aproximando até se defrontarem com Frei Galvão.

Este os chamou e disse-lhes: - Façam o favor de ver o que tenho nos olhos.

Puseram-se os rapazes a examinar os olhos do santo frade, mas nada encontraram, nem um cisco, nem um argueiro, e disseram-lhe: Não há nada, Sr. Padre, está limpo!

Ao que respondeu Frei Galvão com séria gravidade e calcando bem as palavras: - Pois assim está limpo meu coração a respeito do que vocês vinham falando.

Ficaram os dois estudantes estupefatos, vendo que o Servo de Deus tivera conhecimento por via extraordinária, do que, naturalmente, não poderia ter ouvido. Cheios de confusão, arrependidos, ajoelharam-se pedindo-lhe perdão e a bênção. Frei Galvão os perdoou benignamente, e com certeza os dois rapazes dele não pensavam aquilo de que haviam caçoado. Contava o Servo de Deus, então, perto de oitenta anos de idade, já muito enfermo, e sobre tudo aureolado pela grande fama de santidade; não deixava, portanto, lugar à mínima suspeita a respeito de sua reputação. O que se pode pensar é que os rapazes quiseram mostrar bom-humor, de muito mau gosto, aliás. Gente nova de pouco siso, que fala por paus e por pedras, sem medir a consequência e gravidade das palavras.



Com uma única frase, Frei Galvão lhes pregou um sermão de que nunca mais se esqueceram. Foi o mesmo que lhes dizer o que aconselhava as Irmãs: "Recomendamos muito a virtude do silêncio, e não se cansa de nos prestar esta virtude, porque pela boca diz que se peca muito, sendo muito dificultoso falar sem errar, que muitas vezes com uma só palavra se pode cometer uma culpa grave, conforme ela for".

No município de Itu residia num sítio um homem preto, quicá algum escravo liberto. Certa ocasião, ficando doente fez promessa de levar a Frei Galvão uma "vara de frangos" caso ficasse bom. Sarou, e logo tratou de cumprir a promessa. Tomou doze frangos, amarrou-os na vara e se pôs a caminho, mas durante o trajeto três das aves fugiram. Fácil lhe foi pegar duas, a outra, porém, de cor carijó, parecia não querer de modo algum voltar à prisão, e correndo velozmente acabou por descorçoar o bom homem que gritou impaciente: - Pare aí, frango do diabo! Justamente neste ponto o frango se embaraça num arbusto de espinhos deixando-se agarrar pelo dono, que triunfante torna a amarrá-lo na vara e prossegue o caminho.

Chegando, com muito contentamento, vai entregando ao Servo de Deus o seu presente.

Frei Galvão vai aceitando as aves muito agradecido, mas quando chegou ao carijó, rejeita-o dizendo:- Este não.

- Por que, Sr. Padre? pergunta surpreendido o bom do ofertante.

- Porque já o deste ao diabo.

Que espanto para o benfeitor impaciente! Como poderia Frei Galvão ter sabido do que acontecera?

Levou de volta o frango carijó que, é de se crer, morreu de velho, porque ninguém queria ser consumidor de artigo de tal indústria. Além disso, valeu-lhe o caso por um sermão sobre a paciência e o horror que devemos ter ao diabo, infernal inimigo de Deus e de seus filhos. Se nem um animal não devemos dar ao diabo, muito menos a nossa alma, e isto fazemos quando pecamos. Longe do cristão, tanto o nome do diabo como suas obras. Temos nosso Pai e Mãe do céu, os Santos e Anjos nossos irmãos para chamar em nosso auxílio, e não precisamos da ajuda de tão indesejável criatura, o demônio.

A Câmara de São Paulo, em sua célebre carta dizia que, sendo o Servo de Deus "homem de prudente conselho", todos acudiam a pedir-lhe, seguindo a admoestação do Espírito Santo: "Se vires um homem sensato madrua para ir ter com ele, e gastem os teus pés os degraus da sua porta".

(Ecli 6, 36).

Prova-o a seguinte carta, cujo autógrafo se encontra no Museu Paulista do Ipiranga:

" Muito Revdo. Sr. Pe. Antônio Ferraz

Li com respeito e contentamento a oferta que V. Rvma. faz com tanta devoção, para maior glória do Senhor. Falei nessa mesma matéria com o Sr. Vicente do Amaral, fico louvando a Deus e rogando se conclua obra de tanto mérito para Vossa Mercê e de tanta glória e honra para Deus, amém.

No que toca a minha pessoa, indigna e miserável, como Deus sabe, respondo que para semelhantes obras não deve o homem ser intruso! Mova Deus os corações dos que governam que também deve o homem ser obediente; pois são eles os canais pelos quais dá a conhecer o seu Divino Beneplácito; o que suposto ponho-me indiferente, fico rogando a Deus cumpra-se a Divina vontade.

Estimo a saúde de V. Rvma. O Senhor das celestiais graças enriqueça delas o coração do Rvmo. Pe. Antônio Ferraz que deseja por Deus ficar pobre dos bens transitórios, e felizmente lhe dilate a vida para completar obras eternas. São Paulo, 2 de Novembro de 1803.

De V. Rvma.

Afetuosamente Irmão Reverente e obrigado

Frei Antônio de Sant'Ana Galvão".



O destinatário desta carta era o Padre Antônio Ferraz Pacheco que pretendia fazer doação de grande terreno de sua propriedade em Itu, para nele construir uma igreja dedicada a Nossa Senhora do Patrocínio.

Idealizara esta obra o virtuoso Padre Jesuíno do Monte Carmelo que desejava fundar anexo à citada igreja um convento de religiosas.

Para esta doação, o Padre Ferraz pede conselho à Frei Galvão que não só aprova, mas também louva muito a generosa caridade do benfeitor "que deseja por Deus ficar pobre dos bens transitórios".

Além desta consulta, parece que o mesmo padre teria feito alguma proposta que se relacionava diretamente a Frei Galvão, como se deduz de suas palavras: "no que toca a minha pessoa indigna e miserável como Deus sabe..."

Supomos que talvez pretenderiam a colaboração espiritual do Servo de Deus para o projetado convento, pois na matéria dispunha Frei Galvão de grande experiência, havendo quase trinta anos que regia o Convento da Luz, com o maior êxito.

Esta proposta, porém, com profunda humildade e esclarecido espírito de fé, ele nem aceita, nem recusa, pondo-se indiferente. Como diz, a obra era antes de Deus que dos homens, e para nela acertar precisaria conhecer primeiro a divina vontade manifestada pelas decisões dos Superiores.

Neste particular o santo franciscano não quer ser intruso, e aconselha ao amigo que esteja pelas decisões daqueles que são os canais pelos quais Deus costuma dar a conhecer seu divino beneplácito.

Grande espírito de fé e obediência! Era a prática do que ensinava às Irmãs: "Recomenda-nos muito a virtude da obediência sempre nos dizendo que ninguém erra por obedecer, que ainda quando os Prelados e confessores errem no que mandam, que a criatura sempre acerta em obedecer e vai segura".

D. Donária Teixeira Camargo diz que seu avô, Manuel Galvão de França, nada fazia sem consultar primeiro seu santo tio Frei Galvão.

Homem de paz, caridade, prudente conselho, eis o que dele diziam seus contemporâneos, e cremos ser difícil encontrar mais belos elogios, e mais substancioso resumo de todas as suas virtudes.

## CAPÍTULO 12

### HOMEM RELIGIOSÍSSIMO

Proclamou a Câmara Municipal de São Paulo que o Servo de Deus era "homem religiosíssimo".

A palavra religião vem do latim *religare* ou *religere* que quer dizer religar, reeleger. Religioso e, portanto, um religado a Deus e seu superlativo vem a ser muito ligado a Deus ou, em outros termos, unidíssimo a Deus.

Ora, alguém se une a Deus quando cumpre sua vontade santíssima, e tanto mais a Ele se unirá, quando mais perfeitamente a cumprir. Estando a vontade de Deus, principalmente, no exato cumprimento dos deveres do estado de vida em que Ele nos colocou, segue-se que cada qual deverá santificar-se, conforme o próprio estado: o pai de família como pai de família, o estadista como estadista, o religioso como religioso.

Foram bem inspirados os camaristas de São Paulo em acentuar no superlativo "religiosíssimo" o dote essencial de seu queridíssimo franciscano. Se Frei Galvão fosse tudo quanto há de bom e grande e não perfeito religioso, nunca poderia ser santo.

Vejamos brevemente como praticou ele os deveres de religioso, deveres que se encerram, todos, no cumprimento dos três votos: pobreza, castidade e obediência.

Consideremos em primeiro lugar o de *pobreza*: o voto de pobreza, na Ordem Franciscana, é absoluto; o religioso não pode *possuir* absolutamente nada; e apenas,

com licença dos Superiores, *usar* das coisas que lhe forem necessárias: roupa, livros, habitação, etc.

Frei Galvão assim a praticava, fielmente.

Há no arquivo do Mosteiro da Luz um livro com a seguinte rubrica de seu próprio punho: "Pertence a Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, religioso menor, 1810, que com licença de seus Prelados aplica para uso do Recolhimento da Conceição da Luz".

Apesar da grande consideração que gozava em sua comunidade, da confiança nele depositada pelos superiores, e de já ter exercido altos cargos, inclusive o de Guardião, não se dispensava de solicitar as menores licenças, ainda que fosse para o simples uso de um livro.

Esta renúncia à propriedade, mostra-se simplesmente sublime no Servo de Deus quando, no fim da vida, veio residir no convento da Luz. Esta casa por ele construída, era o fruto de ingentes trabalhos e sacrifícios seus; parecia muito natural que dela o melhor lugar fosse destinado a residência de seu santo Fundador; era justo, nem ofenderia a virtude, que ele tivesse uma cela ampla e arejada, leito mais ou menos confortável mesmo em atenção a sua avançada idade e precário estado de saúde. Não poderia, é certo, utilizar-se do recinto reservado à clausura das Irmãs, mas ainda assim havia muito espaço e modo para alojá-lo comodamente, como seria do gosto de suas filhas espirituais.

Nada disso; habitava no menor e mais humilde cantinho da casa; estreito corredor no fundo da Igreja, com um leito de taipa e pequenina mesa. Era quanto lhe bastava, e ainda se considerava fidalgamente hospedado, pois se tornara vizinho do Rei dos reis, Jesus Sacramentado.

Não aplicava para si as regalias que prescrevera para as Irmãs enfermas, mandando que tivessem todo o conforto, sem reparo de pobreza.

Que sublime desprendimento, que espírito de austeridade! Tivera que renunciar as fatigantes caminhadas como Visitador dos Conventos de sua ordem, por lhe ser impossível tal penitência. Nem por isso se dispensava das que ainda podia praticar, mercê de completa pobreza e inteira renúncia de qualquer conforto material.

Passemos ao voto de *castidade*, considerando-o no sentido mais vasto, isto é, o da pureza que consiste na fuga de todo e qualquer gênero de pecado.

Percorrendo a vida do Servo de Deus, desde a infância até sua santa morte, somos levados a presumir que tenha conservado a graça batismal.

Não a teria perdido na primeira idade, tendo-a passado, até aos doze anos, ao lado dos virtuosos pais. Deles separando-se, passou a conviver com os filhos de Santo Inácio, numa vida de costumes quase monásticos. Entre eles já sentiu a vocação para a vida religiosa, pelo que, voltando ao século, onde permaneceu ainda por dois anos, pode-se supor não teria, então, quebrado a fidelidade ao Senhor; entrando em seguida para a Ordem Franciscana, foi, desde o dia inicial até sua santa morte, verdadeiro modelo de todas as virtudes.

Creemos assim que Deus o teria preservado do pecado grave, que só conheceu pelo nome e experiência alheia.

Não consta, quer na história, quer na tradição que tivesse sofrido alguma vez acusações contra sua reputação. O único caso que a isto se refere foi o dos estudantes, narrado pela escrava Lucrecia. e não passou de graça passageira e sem fundamento.

Outro indício da pureza de sua alma era a predileção que tinha pelas crianças; nestas cândidas criaturinhas via o Servo de Deus, como num espelho, a beleza e brancura da virtude angelical que tanto amava.

Esta pureza de coração não lhe era concedida de graça sem mais trabalho. O Servo de Deus a conquistara pelo combate contra si mesmo e pela oração.

Passemos ao voto de *obediência*. É este voto o mais importante dos três de religião, e encerra toda a essência da vida religiosa, de tal modo que se faltasse deixaria de haver estado religioso.

Por ele faz o religioso a mais completa oblação de si a Deus, dando-lhe a própria vontade e liberdade.



O religioso não passa a vida inteira a fazer a vontade alheia, mas a de Deus, que se serve de outros homens, seus instrumentos, para lhe manifestar.

Não obedece a homens, mas a Deus neles, e por isso a obediência, longe de lhe ser pesado e humilhante fardo, torna-se grande e nobre prazer. Que há de mais agradável e doce do que fazer sempre o gosto daqueles a quem amamos?

Mediante este espírito de fé, tornara-se Frei Galvão um herói da obediência. Nenhuma virtude sobressai tanto em sua vida quanto esta, o que se explica pelo fato de ser um homem todo sobrenatural e desejoso, acima de tudo, de agradar a Deus.

Lembremo-nos do fechamento do Convento da Luz; ao descrevê-lo já comentamos como obedeceu, pronta e plenamente. Ante a gravidade do fato, poderia ter alegado mil motivos para se furta à ordem, aliás injusta, do Capitão-general. Tal não era para o Servo de Deus. Obedeceu heróica e perfeitamente com sacrifícios inauditos de si mesmo, e nada perdeu, como se viu: Deus se encarregou de defender e restaurar sua obra. Eleito guardião, o Bispo e a Câmara de S. Paulo desejam afastá-lo do novo cargo. No intuito de conseguiu-lo, precisam, no entanto, agir às ocultas, para que a "inimitável obediência" do Servo de Deus não oponha resistência às suas pretensões.

Uma vez, porém, resistiu à autoridade: foi no julgamento do Caetaninho pelo governador Martim Lopes. A circunstância, contudo, legitimava perfeitamente aquela resistência. Tratava-se de grande crime contra o próximo e não menor ofensa a Deus, condenar à morte um pobre soldado, sem causa suficiente.

Prova-se a retidão das intenções do Servo de Deus, quando, ao voltar o governador as iras contra ele, não resistiu e obedeceu prontamente. Certo, era ofender a Deus desterrar o santo franciscano contra toda justiça, mas isso corria em conta de quem o fazia. Quanto à ordem de seguir para o Rio de Janeiro não ofendia a Deus. Frei Galvão cumpre-a imediatamente, mau grado quantos procuraram impedi-lo.

- Sou franciscano e vou obedecendo - dissera, e ninguém conseguiu reduzi-lo ao contrário.

Tanto se agradou Nosso Senhor desta heróica submissão, que apenas começa a cumpri-la, já se deu por satisfeito, recompensando-o com pública e triunfante exaltação.

Nesta ocorrência se evidencia ainda o grande respeito que votava o nosso Fundador à pessoa de seus Superiores, tanto eclesiásticos como civis. Não permitia críticas nem emitir quaisquer comentários sobre suas determinações.

Na carta que então escreveu às Irmãs, nem de longe deixa entrever por quem e porque fora desterrado.

Diz apenas - vou para o Rio de Janeiro. Nem mais uma palavra de queixa ou contrariedade, e por aí se tem a impressão de que o Servo de Deus também primava pelo grande comedimento de linguagem.

Na ocasião do fechamento do Convento da Luz, só diz que o Bispo assim ordenara, e estava acabado; nada de exames e comentários, só cumpria obedecer-lhe.

A mesma obediência às ordens dos Superiores e respeito às suas pessoas exigia das Irmãs.

No fim dos Estatutos, que para elas escreveu, recomenda: "devem respeitar aos Confessores e Sacerdotes em cujas pessoas se nos conferem os celestiais benefícios; rogar a Deus pelos Excelentíssimos e Reverendíssimos Senhores Prelados desta Diocese e ao Povo que beneficia esta Casa, especialmente a Nossa Soberana, ao Príncipe Regente, Nosso Senhor e toda a Família Real".

Só quando lhe foi de todo impossível cumpri-las é que Frei Galvão pediu dispensa das ordens emanadas de seus Superiores.

Vemo-lo assim renunciar ao cargo de Visitador, quando a avançada idade e precário estado de saúde, absolutamente não lhe permitiam percorrer a pé enormes distâncias, de São Paulo ao Rio de Janeiro, a Taubaté, Itu e Itanhaém.

Assim mesmo, em supremo esforço, ainda vai até Sorocaba para fundar o Recolhimento de Santa Clara, a pedido do Vigário Geral de São Paulo, que alias lhe deixara inteira liberdade de ir ou deixar de fazê-lo, dizendo: "podendo e querendo, as acompanhe (as Irmãs) e dê os fundamentos ao novo Recolhimento".

Não há dúvida que Frei Galvão foi homem obedientíssimo, e só isto bastaria para lhe recomendar a alta santidade, pois, já notamos, a obediência e a essência do estado religioso e encerra em si as demais virtudes.

Acrescentemos ainda sua eleição para Mestre de Noviços, duas vezes Guardião, e outras muitas Visitador, cargos estes que exigem cabedal de espírito religioso acima do comum.

Podemos fazer coro com a nobre Câmara Municipal de São Paulo, e prestar ao querido franciscano justíssima homenagem, dando-lhe o belo apelativo de "homem religiosíssimo".

## CAPÍTULO 13

### A PARTIDA DO EXÍLIO

Passara Frei Galvão mais de setenta anos de santa e laboriosa existência.

Alquebrado pelos anos e austeridades, parece que tinha direito a algum descanso. Estava o Convento da Luz bem organizado, espiritualmente, e com a construção quase terminada. Poderia o Servo de Deus gozar na paz e no sossego os frutos dos trabalhos apostólicos, e esperar pelo dia feliz em que sua alma evoliria desta para melhor vida.

Quis, no entanto, Nosso Senhor aumentar-lhe os muitos méritos, oferecendo-lhe ocasião de realizar mais uma obra para sua glória.

Em Agosto de 1811 recebe da Cúria do Bispado um requerimento seguido do respectivo despacho.

O requerimento era feito por D. Manuela de Santa Clara, pedindo ao Bispo Dom Mateus de Abreu Pereira, duas ou três religiosas do Convento da Luz, para com elas e outras moças darem começo a um Recolhimento na cidade de Sorocaba.

O despacho era favorável, deixando a vontade e escolha de Frei Galvão e da Madre Regente da Luz enviar as três recolhidas para Sorocaba. Dizia mais o Vigário Geral que despachara o requerimento: "... me pareceu muito profícuo ao serviço de Deus que o muito Reverendo Padre Definidor (Frei Galvão) podendo e querendo as acompanhe, de os fundamentos e direções ao novo Recolhimento; lhe concedo toda a plena autoridade de Capelão, para por si e por outro fazer quanto for necessário gozar naquele Recolhimento de todas as faculdades de que goza no Recolhimento da Luz. São Paulo, 12 de Agosto de 1811. Mariano, Vigário Geral".

Vendo nestas palavras a vontade dos Superiores, o Servo de Deus prontamente se dispõe a obedecer, não olhando para dificuldades nem cansaço. Escolhe as Irmãs Domiciana Maria da Assunção, suas sobrinhas Rita do Coração de Jesus e Isabel da Visitação, indo esta para Regente do novo Recolhimento.

A 19 de Agosto já estava a caminho de Sorocaba.

A notícia de sua viagem logo se espalhou e todos esperavam a felicidade de saudá-lo em sua passagem, dele recebendo a santa benção.

Em Itu, onde residiam muitos de seus parentes, todos o esperavam ansiosamente, mas ainda desta vez, quis fugir das honras e glórias que o mundo lhe queria tributar, e desviou o trajeto por São Roque. Muito sentiram tal proceder, seus devotos ituanos que lhe escreveram a seguinte carta cheia de candura.

"Rvmo. Sr. Padre Mestre Frei Antônio de Sant'Ana. Itu, 23 de Agosto de 1811.

Meu muito amado e bem prezado Senhor muito da minha particular estimação e respeito. Já hoje faz oito dias que alegres e contentes o estávamos esperando, e indo os seus sobrinhos ao Convento, e todos os dias esperávamos ter este gosto, mas neste instante me manda o Padre Frei Luís dizer: falara com o Capitão-Tenente Joaquim de Araújo em Campinas e este disse que V. Rvma. disse ir por São Roque e não por Itu. Ficamos todos muito tristes, e faço estas regras ir visitar e saber como chegaram: e quando mais ou menos será a sua retirada não ser possível irmos receber sua



benção, pois desejo antes de morrer tornar a beijar-lhe a manga, e esperamos em Deus ter este gosto, não repare nos erros da escrita que a pressa disfarça tudo: e aceite os nossos corações saudosos, e milhares de lembranças. Deus guarde V. Paternidade em sua graça e bote-nos a sua benção e mostraremos ser De V. Paternidade amante e saudosa Sa. (serva).

Maria Dias Vaz.

Francisco Salomão e Ana de Barros enviam seus corações saudosos. Tia Maria Xavier faz o mesmo, e os mais todos desta sua casa. Joaquim Galvão envia amorosas lembranças ao seu tio Padre Galvão".

Após sua chegada, dentro de poucos dias, estava o Recolhimento instalado, a 25 de Agosto de 1811.

Ficara Frei Galvão em Sorocaba na direção do Recolhimento durante onze meses, findos os quais voltou com as Irmãs Domiciana e Rita, ficando sua sobrinha, Irmã Isabel, Madre Regente.

Depois desta fundação, o Servo de Deus iria passar seus últimos anos sem sair de São Paulo. Está fisicamente esgotado, e as enfermidades começam a visitá-lo com grande frequência. Chegou ao ponto de não poder fazer diariamente o caminho do Convento de São Francisco ate o da Luz.

Em atenção às suas poucas forças, deram-lhe os Superiores licença de residir no Recolhimento da Luz, continuando assim a cuidar daquela casa que com tanta dedicação construía. Aliás, o Escravo deve ficar sempre ao pé de sua Senhora, e Frei Galvão, Escravo de Maria, não podia permanecer noutra parte senão na casa de sua Rainha, a Virgem Imaculada da Luz.

De todo aquele vasto edifício, que ele próprio construía à custa de tantos suores e sacrifícios, o Servo de Deus escolhe para seu aposento o mais estreito e humilde cantinho. Era uma espécie de pequeno corredor no fundo da igreja, uns seis metros quadrados de espaço. Entrava a luz e a ventilação por uma janela alta. Seu leito de taipa, alguns palmos acima do chão unia-se a três das paredes da celazinha, ficando só um lado para pequeno espaço livre. Estar naquela cama ou no chão vinha a ser a mesma coisa.

Longe de nós pensar que seus dias aí decorriam monótonos e tristes. Não há maior alegria e felicidade do que a experimentada pelos que tudo deixaram por Deus. Mesmo quando a dor lhes venha pedir guarida, eles a recebem com alegria, lembrando-se que por eles também se deixou crucificar seu amantíssimo Senhor.

Continuava o Servo de Deus a ser procurado e visitado por seus amigos e admiradores, por quantos precisavam de conselho e conforto.

Recebia-os com a bondade de sempre, oferecendo agora mais o exemplo de heróica paciência entre tantos sofrimentos.

Chegou o ano de 1822. Desde que D. Joao VI deixara no Brasil seu filho D. Pedro, Príncipe Regente, uma idéia domina os brasileiros: conseguir a independência de sua nação. O eco deste movimento não deixaria de chegar até a cela de Frei Galvão, e ele encomendava a Deus os destinos de sua Pátria. No dia 7 de Setembro, desusado movimento chama-lhe a atenção; falatórios em alta voz, grupos a passar pela rua com mais frequência do que de costume, salvas de tiros. Que teria acontecido? Bem depressa lhe trazem a estrondosa notícia de que o Príncipe Regente havia proclamado a independência, ali ao pé da cidade, junto do riacho Ipiranga!

É fora de dúvida que o coração de Frei Galvão tenha experimentado o mesmo frêmito de entusiasmo de seus irmãos brasileiros: que triunfo! Sua Pátria, nação livre! Que ações de graças subiriam de sua alma até o Céu! Ao mesmo tempo, quantas súplicas para que o glorioso fato não viesse causar derramamento de sangue!

Chega o mês de dezembro de 1822. O estado de saúde do Servo de Deus declina sempre mais e o desenlace se faz pressentir.

Deixou escrito o cronista da Ordem: "teve uma morte como se esperava de uma vida tão ajustada", "adormecendo placidamente no Senhor", assim lemos em seu epitáfio.

Na pequenina cela encontravam-se diversos sacerdotes que assistiam aos últimos momentos do santo agonizando.



Pelas 10 horas da manhã de 23 de Dezembro do ano de 1822, havendo recebido todos os Sacramentos, expira Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, contando 84 anos incompletos.

"Passou deste mundo para o Pai", segundo a linguagem evangélica, e tendo vivido sempre ao lado de seu Deus Sacramentado, neste mundo, ia agora eternamente viver mergulhado em seu infinito amor e felicidade no céu.

O luto e as saudades invadiram São Paulo inteiro pela partida de Frei Galvão; grande multidão acorreu à igreja do Convento da Luz, avisada do triste acontecimento, pelo tristonho dobrar dos sinos.

Derramaram-se muitas lágrimas, atestavam as antigas Irmãs presentes à cena; muitos assistiram ao Ofício e Missa cantada de *Requiem*, e durante o dia todo, verificou-se um perpassar contínuo de pequenos e grandes, pobres e ricos, senhores e escravos, em visita ao corpo de seu querido Pai, exposto na Igreja.

Não queriam os fiéis deixá-lo sem dele levar uma lembrança qualquer; e não olhando mais que para sua devoção, foram cortando pedacinhos do hábito do venerando finado, e no dizer das antigas Irmãs, acabaram assim com dois hábitos de Frei Galvão, talvez os únicos de que dispunha. A hora de enterrá-lo foi preciso vestir-lhe um terceiro.

Do sentimento das Irmãs não há palavras que possam descrever, mas receberam a consolação de poder ficar com os sagrados despojos de seu inesquecível e santo Fundador.

Querendo o Padre Guardião levar o corpo a sepultá-lo no Convento de São Francisco, as Irmãs e ainda os moradores do bairro da Luz, requereram ao Bispo Dom Mateus a graça de ser inumado aí mesmo, na Igreja do Convento da Luz.

Foi a graça concedida e, pela tarde, depuseram o corpo em sepultura aberta no centro da Igreja, sob a lâmpada do Santíssimo, em frente ao altar-mor.

Pouco tempo depois, sobre ela foi colocada uma lápide de cimento com o seguinte epitáfio: "Hic jacet Fr. Antonius a Sant'Ana Galvão, hujus almae domus inclytus fundador et director qui animam suam in manibus suis semper tenens placide obdormivit in Domino die 23 Decembris anno 1822". Assim se traduz: "Aqui jaz Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, ínclito fundador e reitor desta casa religiosa, que tendo sua alma sempre em suas mãos, placidamente faleceu no Senhor no dia 23 de Dezembro do ano de 1822".

Que sepultura mais significativa! Sob o olhar de sua Rainha a Virgem Imaculada, sob a luz que ilumina o Tabernáculo, repousa o corpo do Escravo de Maria e do Sacerdote de Cristo, a continuar, ainda depois da morte, a residir na casa de sua Senhora, ao lado de seu Senhor Sacramentado.

E aí tem continuado através dos tempos a cumprir sua missão de apóstolo, atraindo as almas para Deus e esparzindo toda a sorte de bem sobre a terra.





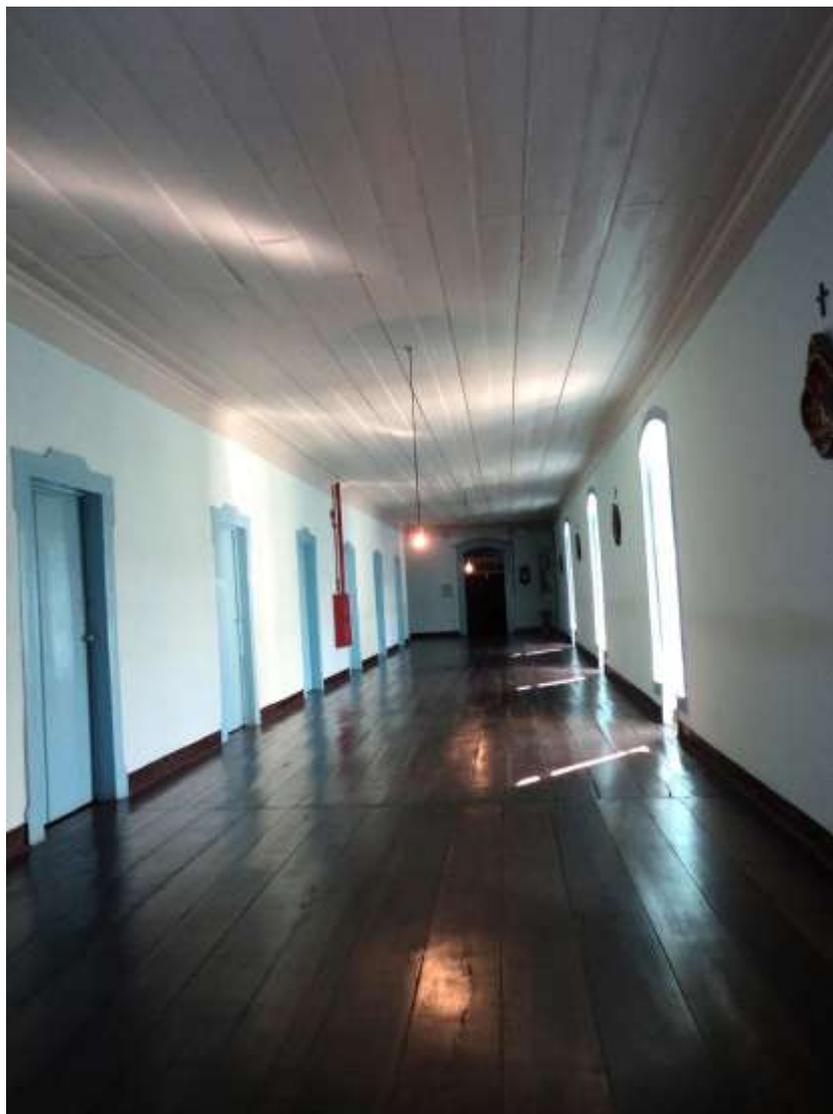
Lápide sepulcral de Frei Antônio de Sant'Anna Galvão



Os Santos franciscanos seguindo o Nosso Senhor.



O grande crucifixo do coro



**Mosteiro da Luz – corredor no piso superior.**

## **CAPÍTULO 14**

# **A VENERAÇÃO A FREI ANTÔNIO DE SANT'ANA GALVÃO E A CAUSA DE SUA BEATIFICAÇÃO**

Mais forte que a morte é o amor, diz a Sagrada Escritura. Esta palavra se cumpriu entre os paulistas a respeito de Frei Galvão. Com sua morte não acabou a veneração tributada ao extraordinário franciscano, homem excessivamente amável, do qual jamais consentiram se separar. Se a cidade de São Paulo não pôde mais gozar da presença corporal de seu santo amigo e benfeitor, não perdeu sua proteção espiritual. Assim sempre o sentiram os paulistas, e jamais se esqueceram daquele venerando Sacerdote, cuja existência fora um ato contínuo de caridade, e exemplo vivo da mais perfeita santidade evangélica.

Compraziam-se em passar a seus filhos, como herança sagrada, a veneração que lhe votavam, as narrações de seus feitos e milagres, os objetos de seu uso ou por ele oferecidos, como piedosas relíquias.

À Igreja do mosteiro da Luz, incessantemente continuaram a peregrinar os devotos em visita ao seu túmulo, e a portaria do convento acorriam os doentes e necessitados a procurar os famosos papelinhos, para obter a cura de moléstias corporais e espirituais.

No desejo de levar consigo qualquer objeto abençoado pela presença do Servo de Deus, tiravam pequenas lascas e fragmentos da pedra de sua sepultura, que chegou ao estado de ser preciso substituí-la por outra, o que fez o Conde de Prates no ano de 1906, quando síndico do Convento. Em a nova lápide de mármore foram gravados os mesmos dizeres da primeira. Desta, o Mosteiro continuou por muitos anos distribuindo pedacinhos, as "pedrinhas de Frei Galvão", muito procuradas pelos devotos.

O alto conceito sobre o Servo de Deus não reinava apenas entre o povo simples e devoto. Era convicção geral, ainda mesmo de leigos ilustrados e até dos que pouco simpatizavam com a Religião.

Seu nome é citado por escritores, seus contemporâneos, e por outros posteriores, sempre a tecer-lhe encômios de respeito e admiração. No centenário de sua morte, aos 23 de Dezembro de 1922, sua memória foi homenageada com grande e carinhoso interesse.

Contam-se aos milhares as cartas que através dos tempos e principalmente nos últimos decênios, chegam ao Mosteiro da Luz narrando e agradecendo favores obtidos pela intercessão do Servo de Deus.

Com o crescimento de São Paulo e o aumento da população, o sesquicentenário ocorrido em 1972, foi celebrado com extraordinário concurso de fiéis de São Paulo e de todo o Brasil.

Em 1938 tiveram início os trabalhos em vista de um processo de canonização. Com alguns anos de interrupção foram retomados. Atualmente encontram-se adiantados, dando esperanças de se alcançar da santa Igreja o reconhecimento oficial da santidade heroica de Frei Galvão.

Para tanto, além dos estudos de sua vida e virtudes, ela exige dois milagres comprovados, obtidos pela intercessão do Servo de Deus.

Rezemos, e façamos pela sua causa o que depender de nós, a fim de chegar o dia no qual o Brasil possa honrar a um de seus filhos com o título de "Santo".

Digne-se o Senhor conceder esta glória a Terra de Santa Cruz. Seja esta graça mais uma prova de suas divinas predileções pelos seus filhos, e a estes mais um motivo de lhe guardar inviolável fidelidade.

Sirva-nos de intercessora nossa gloriosa Rainha, a Virgem Aparecida, Imaculada Senhora de seu santo Escravo Frei Antônio de Sant'Anna Galvão.



## **APÊNDICE**

### **CONSELHOS DE FREI GALVÃO**

Observação: Estes ensinamentos do Servo de Deus foram extraídos, em parte de seus escritos e em parte de escritos de Irmãs, suas contemporâneas. Sem alterar o sentido, adaptou-se ao nosso tempo algumas palavras do texto original.

#### **TRABALHO**

Cumpram suas obrigações e cuidem dos instrumentos e lugares de seu trabalho. Se não tiverem emprego, exercitem-se noutras boas obras, com o que se pode evitar a sempre abominável e pernicioso ociosidade.

#### **CARIDADE FRATERNA**

Lembrem-se como na primitiva Igreja. em que a caridade cristã mais resplandecia, eram os bens comuns, e ninguém podia dizer sem ofensa; isto é meu!

#### **CORREÇÃO**

Não deixem de advertir e repreender, e ainda castigar, faltas mais consideráveis. Isto, porém, com muita ponderação, oportunidade e prudência, despendo-se totalmente de qualquer paixão ou motivo que não for puramente o do agrado de Deus, nosso Senhor. Desta sorte fará fruto a correção, e do contrário resultará mais desordens que proveito.

A caridade é mansa e benigna; quem tem essa virtude não se agasta facilmente, não julga mal, nem se perturba por qualquer coisa, e é muito industriosa para sossegar e compor os ânimos e gênios mais difíceis.

Não se despreze coisas mínimas ou leviandade pequena, porque das faíscas desprezadas se seguirão horrosos incêndios e a total destruição de espirituais e formosos edifícios. De todas as omissões, permissividades e maliciosos descuidos no próprio dever, serão dadas contas ao Criador.

#### **MALEDICÊNCIA**

Fujam de vício tão prejudicial às almas e tenham dele ainda maior horror que do mesmo satanás. Porque insensivelmente corrompe os bens do espírito, e degenera todas as virtudes. Saibam e advertam que todo o estrondo, escândalos e desordens, deformidade e ruínas do mundo, procedem da infame maledicência. Saibam que é traça tão sutil que desfaz qualquer tecido. E tal ferrugem que consome qualquer metal, excetuando-se o ouro da perfeita caridade.

Saibam que é este, vício tão intrincada matéria, que no confessorário o seu discernimento é difícil aos moralistas, confusão aos penitentes, atrasamento das almas, destruição das virtudes e ofício de gente vil.

Peço-lhes pelas entranhas de nosso Senhor Jesus Cristo, que nunca descubram ou notem, ainda em matéria leve, os defeitos de pessoa alguma. Somente descubram, com os olhos em Deus, ao confessor ou superior, para que estes, com prudência possam evitar desordens.

## PARCIMÔNIA NO FALAR

Virtude oposta à maledicência.

Para que a alma cristã possa alcançar a tranquilidade de espírito e a perfeita caridade no amor do próximo, deve sempre fugir e abominar o vício da maledicência, estudando espiritualmente nunca ofender em suas palavras a pessoa alguma. Procure ser muito acutelada na virtude do silêncio, com o qual certamente virá a conseguir grande aumento nas virtudes, porque sendo o silêncio uma total abstenção da maledicência, com ele se evitarão todas as desordens do infame vício.

Nas divinas letras, (Bíblia) o Espírito Santo nos ensina que é vã a religião do que não refreia a língua, e a virtude que aparenta não é verdadeira. Diz mais: Aquele que em suas palavras nunca ofender ao próximo, este é varão perfeito.

Atendam a estes divinos ensinamentos e palavras de vida eterna, para que sempre vivam com grande estima pela virtude do silêncio. Com ele brevemente se farão vencedores do infame vício da maledicência, adiantados nas virtudes, ricos em merecimentos. E para complemento deste parágrafo lhes peço e rogo, que fujam da maledicência como de blasfêmia contra Deus.

## RESPEITO PELAS COISAS SAGRADAS

Não haja relaxação e menor reverência na Igreja, onde confessamos que Deus está presente, vivo e sacramentado. Deve-se estar com profundo respeito e evitar nesses lugares tão sagrados, conversas que não sejam muito necessárias.

Respeitem-se os confessores e sacerdotes, em cujas pessoas se nos conferem os celestiais benefícios. Frequentem-se os sacramentos e rogue-se a Deus pelos prelados (Bispos e autoridades religiosas) desta Diocese.

--- FIM ---



## ORAÇÃO AO SANTO FREI GALVÃO

**Deus, Pai de misericórdia, que fizestes do Santo Antonio de Sant'Anna Galvão um instrumento de caridade e de paz no meio dos irmãos, concedei-nos, por sua intercessão, favorecer sempre a verdadeira concórdia. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém.**

## **SANTO ANTONIO DE SANT'ANNA GALVÃO**

Nasceu em Guaratinguetá, Estado de São Paulo em 1739.

Em 1760 entrou para o noviciado da Província Franciscana da Imaculada Conceição, no convento de São Boaventura do Macacu, na Capitania do Rio de Janeiro.

Ordenado sacerdote aos 11 de julho de 1762, no Rio de Janeiro foi transferido para o convento de São Francisco em São Paulo. Em 1774 fundou o Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição da Luz das irmãs Concepcionistas.

Cheio de espírito de caridade, não media sacrifícios para aliviar os sofrimentos alheios. Por isso o povo a ele recorria em suas necessidades.

Em 23 de Dezembro de 1822 Santo Frei Galvão adormeceu santamente no Senhor no Mosteiro da Luz em São Paulo e foi sepultado na Capela-Mor da Igreja do Mosteiro, e sua sepultura continua sendo visitada pelos fiéis.

## **PÍLULAS DE FREI GALVÃO**

Certo dia um moço, que se debatia com fortes dores provocadas por cálculos renais, pediu ao Frei Galvão que o abençoasse para ficar livre da dor. Frei Galvão, lembrando-se do poder de intercessão da Santíssima Virgem, escreveu num papelzinho o verso do breviário: “Post partum Virgo inviolata permansisti, Dei Genitrix Intercede pro nobis” e mandou ao moço ingerir o papelzinho feito em forma de pílulas. O moço o fez, confiando em Nossa Senhora e expeliu os cálculos sem dificuldade.

Caso semelhante se deu: Frei Galvão foi procurado por um senhor, pedindo ajuda para sua mulher que se achava em grave trabalho de parto e com perigo de vida.

Frei Galvão se lembrou do caso do moço curado e deu ao senhor as pílulas de papel com os mesmos dizeres: (Depois do parto, ó Virgem, permanecestes inviolável, ó mãe de Deus, intercedei por nós): Depois de ter ingerido as pílulas, a mulher deu à luz sem problemas.

Esta foi a origem das pílulas que desde então foram muito procuradas pelos devotos de Frei Galvão, e Até hoje o Mosteiro da Luz as fornece gratuitamente às pessoas que têm confiança na intercessão de Frei Galvão.

## **NOVENA À SANTÍSSIMA TRINDADE PARA ALCANÇAR GRAÇAS PELA INTERCESSÃO DO SANTO ANTONIO DE SANT'ANNA GALVÃO**

Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, eu Vos adoro, louvo e Vos dou graças pelos benefícios que me fizestes. Peço-vos por tudo que fez e sofreu o vosso Santo Antonio de Sant'Anna Galvão, que aumenteis em mim a fé, a esperança e a caridade, e vos digneis conceder-me a graça que ardentemente almejo. Amém.

**1 Pai Nosso, 1 Ave-Maria e 1 Glória ao Pai**

## **NOVENA DO SANTO FREI GALVÃO**

Reze durante 9 dias a Oração da Novena Santíssima Trindade. Tome 3 pílulas: 1 no primeiro, outra no quinto dia e outra no último dia da novena.



## PÍLULAS DE FREI GALVÃO



A ENTREGA DAS PÍLULAS DE FREI GALVÃO É FEITA DIARIAMENTE E GRATUITAMENTE AO PÚBLICO, PELAS IRMÃS CONCEPCIONISTAS, NO MOSTEIRO DA LUZ-SP.

PÍLULAS TAMBÉM PODEM SER SOLICITADAS POR CORREIO, CONSULTAR PROCEDIMENTOS EM NOSSOS SITES.

## ORDEM DA IMACULADA CONCEIÇÃO



[WWW.CONCEPCIONISTAS.ORG.BR](http://WWW.CONCEPCIONISTAS.ORG.BR)

## FESTA DE FREI GALVÃO NO MOSTEIRO DA LUZ

TODOS OS ANOS, UMA GRANDE FESTA EM HOMENAGEM AO SÃO FREI GALVÃO OCORRE NO MOSTEIRO DA LUZ EM MEADOS DO DIA 12 A 25 DE OUTUBRO. CONSULTE EM NOSSOS SITES.

## VISITE OS NOSSOS SITES



[WWW.SAOFREIGALVAO.COM.BR](http://WWW.SAOFREIGALVAO.COM.BR)

[WWW.MOSTEIRODALUZ.ORG.BR](http://WWW.MOSTEIRODALUZ.ORG.BR)

## CONTRIBUIÇÕES

AS CONTRIBUIÇÕES AO MOSTEIRO DA LUZ – SP, PODEM SER FEITAS AO:

### RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DA LUZ

**Banco Santander**

(banco: 033)

Agência: 0248

(Liberdade – São Paulo/SP)

Conta Corrente: 13000323-6

**Banco Bradesco**

(banco: 237)

Agência: 0114

(Bom Retiro – São Paulo/SP)

Conta Corrente: 79999-8





Edição Digital - 1ª Edição  
Distribuição Gratuita

Mosteiro da Luz - SP

Av. Tiradentes, 676 - Luz - São Paulo - SP

Tel.: (11) 3311-8745 E-mail: [atendimento@mosteiroluz.org.br](mailto:atendimento@mosteiroluz.org.br)

Site: [www.mosteiroluz.org.br](http://www.mosteiroluz.org.br) / [www.saofreigalvao.com.br](http://www.saofreigalvao.com.br)